



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA
REFLEXÃO SOBRE O CONTEXTO DE SALA DE AULA NO COLÉGIO
PALMIRA GABRIEL DE BARCARENA – PA**

FRANCIELE LIMA BELTRÃO SANTOS

ABAETETUBA/PA

JUNHO/2018

FRANCIELE LIMA BELTRÃO SANTOS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA
REFLEXÃO SOBRE O CONTEXTO DE SALA DE AULA NO COLÉGIO
PALMIRA GABRIEL DE BARCARENA – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade da Ciência da Linguagem do Campus
Universitário de Abaetetuba da UFPA, para obtenção
do Grau de Licenciatura em Letras: Habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientadora: Sara ConcepciónChenaCenturión

ABAETETUBA/PA

JUNHO/2018

FRANCIELE LIMA BELTRÃO SANTOS

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA
REFLEXÃO SOBRE O CONTEXTO DE SALA DE AULA NO COLÉGIO
PALMIRA GABRIEL DE BARCARENA – PA

Aprovado em ____ de _____ de _____

Nota final: _____

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADORA – Prof. M^a Sara Concepción Chena Centurón – UFPA

Prof. Dra. Maria Adelina Rodrigues de Farias

A meus pais,
Venâncio e Zildete, com muito amor e gratidão.

A meu marido e companheiro,

Natan, com muito amor.

A minhas irmãs e demais familiares,
com amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**: Pai, o Filho e o Espírito Santo, pela sabedoria e pela proteção ao longo da minha jornada. Para sempre te louvarei!

Aos meus pais, **Venâncio da Costa Beltrão** e **Zildete Lima Beltrão**, pessoas pelas quais me empenho para deixar orgulhosas, meus pilares de força. Obrigada pela educação, intercessões e conselhos. Eu amo tanto vocês!

Às minhas irmãs, **Franciane Beltrão** e **Francilene Beltrão**, que sempre estiveram do meu lado, sendo minhas companheiras e amigas... Vocês me enchem de orgulho!

Ao meu esposo, **Alek Natan de O. Santos**, que sempre apoiou meus estudos. Obrigada pelo companheirismo!

Aos meus **familiares** de modo geral, avô e avós, tios e tias, primos e primas, cunhados, com quem confraternizo os melhores momentos da vida.

Aos meus sogros, **Raimundo Nonato** e **Elizete Oliveira**, que são presentes de Deus em minha vida. Obrigada por cuidarem de mim como filha.

Aos **professores** do curso, os quais proporcionaram meu crescimento intelectual.

À professora **Sara Concepción Chena Centurión**, minha orientadora e excelente educadora. Obrigada pela dedicação e carinho para comigo.

Às **colegas** de turma **Aline Almeida** e **Laurena Marques**, que foram parceiras nessa caminhada. Sentirei saudades!

Ao **professor Edinaldo Moraes**, pela oportunidade de ministrar em sua turma e aos **alunos do 1º ano**, do Colégio Palmira Gabriel, com os quais troquei experiências. A participação de vocês foi de suma importância nessa pesquisa. Obrigada por toda contribuição!

E, por fim, à **Universidade Federal do Pará** por tornar essa realização possível. Gratidão!

“Porque melhor é a sabedoria do que os rubins;
e de tudo o que se deseja nada se pode comparar
com ela.” (Provérbios 8: 11)

RESUMO

O presente trabalho, trata-se de uma prática reflexiva por meio de um relato de experiência, concernente ao ensino da variação linguística em sala de aula com os alunos do 1º ano do ensino médio, do Colégio Estadual Palmira Gabriel de Barcarena-Pará. A proposta traz como abordagem a sociolinguística, que nos possibilita o estudo das variações linguísticas no âmbito escolar. A língua na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, nesse sentido, a língua não é usada de forma homogênea por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de acordo com a época, região, classe social e assim por diante. Dependendo da situação, um mesmo indivíduo pode fazer uso de diferentes variedades linguísticas adequando-se a cada contexto de comunicação. Ao trabalhar a diversidade linguística, pretendemos evidenciar que a língua portuguesa não se apresenta uniforme em todo o território brasileiro. Baseado nesse estudo, temos como pressupostos teóricos principais, Tarallo (1994), os PCNs (1998), Bagno (2002, 2007a, 2007b) e Bortoni-Ricardo (2004) que oferecem valiosa contribuição para o ensino das variedades linguísticas. A pesquisa-ação iniciou-se com observações, aplicação de um questionário com 10 perguntas objetivas com intuito de sondar os conhecimentos dos alunos em relação ao assunto, e em seguida, intervimos por meio de uma oficina com aulas teóricas e práticas. A prática docente ocorreu em dois momentos, novembro de 2017 e dezembro de 2018. Os resultados da pesquisa conferem à análise dos questionários e do relato de experiência.

Palavras-Chave: Prática reflexiva. Relato de experiência. Variação Linguística. Sociolinguística.

ABSTRACT

The present work, it is a practice reflective through an account of experience, concerning teaching of variation linguistics in the classroom with students of the 1st year high school, college state Palmira Gabriel of Barcarena-Pará. The proposal brings how to approach the sociolinguistics, which enables us to the study of variations language under school. Language in the design of sociolinguistas is intrinsically heterogeneous, in this sense, the language is not used in order homogeneous for all your speakers. The use of a language varies according to the time, region, social class and so on. Depending on the situation, the same individual can make use of different varieties language adapting to each context of communication. When working linguistic diversity, we intend to show that the Portuguese not presents itself uniform throughout the Brazilian territory. Based in this study, we can theoretical assumptions main, Tarallo (1994), the PCNs (1998), Bagno (2002, 2007a, 2007b) and Bortoni-Ricardo (2004) that provide valuable contribution to the teaching of varieties language. Research-actions tarted with observations, implementation of a questionnaire 10 questions objective with order to probe the knowledge of students in relation to the subject, and then intervimos through a workshop with lectures and practices. The practice teaching occurred in two times, November 2017 and December 2018. Search results give the analysis of questionnaires and experience report.

Keywords: Reflective practice. Experience report. Variation linguistics. Sociolinguistics.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	11
1. PRÁTICA DOCENTE UMA REFLEXÃO COTIDIANA.....	11
1.1 Professor reflexivo e a construção de uma prática coerente	13
1.2 Abordagem Sociolinguística.....	15
1.3 Variação e mudança	17
1.4 Norma Padrão e norma culta não são sinônimos	18
1.5 Gramática tradicional	20
1.6 Preconceito linguístico	22
1.7 Orientação dos PCNs para o ensino da variação linguística	23
CAPÍTULO II	24
2. CORPUS DA PESQUISA.....	24
2.1. Identificação e localização	25
2.2. Métodos e recursos utilizados.....	25
2.3 Relato de experiência	26
CAPÍTULO III.....	30
3. RESULTADOS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	30
3.1. Análise dos questionários	31
3.2. Análise dos resultados de experiência	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXOS	37

INTRODUÇÃO

A sociolinguística, disciplina relativamente nova dentro dos estudos da linguagem, possibilita o estudo das variações linguísticas no âmbito escolar. Baseado nesse estudo, a língua é vista de dois lados, de duas ordens de discurso que se contrapõem. De um lado o discurso científico, embasado nas teorias da Linguística moderna, que trabalha com as noções de variação e mudança; e de outro lado o discurso do senso comum, carregado de concepções ultrapassadas sobre a linguagem e de preconceitos sociais que operam fortemente com a noção de “erro”. Verifica-se, portanto, a necessidade de uma reflexão dessa abordagem no contexto escolar, para que o aluno conheça que o processo de variação ocorre em todos os níveis da língua a partir de fatores geográficos, status socioeconômicos, grau de escolarização e idade, por exemplo.

O ensino escolar disseminou por muito tempo a ideia que o “certo” é pronunciar como se escreve, como se a escrita tivesse primazia sobre a pronúncia. Diante disto, o papel da escola como responsável pela formação de cidadãos conscientes, é desmistificar essa ideologia plantada na mente dos alunos. Essa ideologia surge por meio da gramática normativa, que delimita o que é certo e errado, cria a ilusão de língua homogênea, considerando uma norma – padrão, isto é, o modelo de língua “certa”.

Nosso objetivo, portanto, é refletir sobre a prática docente e analisar a pertinência da aplicação dos pressupostos da sociolinguística no ensino de língua portuguesa na educação básica. Contudo, com a ajuda de uma prática docente coerente, comprometida e ética, este assunto, assim como tantos outros se tornam ferramentas de análise da prática docente do educador. A essência da prática do professor é o ensino-aprendizagem. Segundo Pimenta (1995), ensino-aprendizagem é o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem se realize em consequência da atividade de ensinar. Nesse sentido, envolve o conhecimento do objetivo, o estabelecimento de finalidades e a intervenção no objeto para que a realidade seja transformada enquanto realidade social.

O professor-educador precisa ser dinâmico em sala de aula, deve provocar o envolvimento e a interação em suas aprendizagens e seu trabalho. Durante as atividades, é necessário o educador fazer um registro das incidências de cada aluno em relação ao processo, aos resultados e às medidas utilizadas. A prática reflexiva profissional de ensinar requer uma didática eficaz, que garanta um progresso no que diz respeito ao desenvolvimento do aluno. A didática, considerada como ciência da educação, recoloca

no centro da investigação didática a atividade do professor, enquanto atividade de ensino. Portanto, é de suma importância o professor reflexionar sobre sua própria relação com o saber, possibilitando qualidade e condições de desenvolvimento aos alunos, compreendendo os caminhos de como pensar seu trabalho e que direções pode tomar.

CAPÍTULO I

1. PRÁTICA DOCENTE UMA REFLEXÃO COTIDIANA

Ao longo de anos, a prática docente nas escolas brasileiras enfrenta sérios impasses quanto à realidade social vigente, advinda do pouco reconhecimento sobre a classe profissional exposta às péssimas condições de trabalho, em que os professores são submetidos a longas jornadas de trabalho, salários baixos, e a pouca valorização pela área de formação, já que licenciatura é considerada a modalidade de baixa competitividade, pois as altas demandas estão para os cursos de bacharelado.

O problema maior acontece depois da formação superior ou o magistério, seguida da experiência profissional vivenciada, principalmente na educação básica, quando os docentes se veem desmotivados a ministrar excelentes aulas, devido a condições precárias de seu ambiente de trabalho, e também quando o comodismo e a falta de investimento em formação continuada se instauram, fazendo com que as aulas sejam altamente conteudistas, sem interação ou experiencição com o objeto de ensino, o que acarreta a desmotivação dos próprios alunos, além do sistema de mazelas sociais que por si só conseguem ofuscar a visão de uma educação de qualidade. Segundo Pimenta (2002 *apud* Militão, 2004):

(...) O profissional assim formado não consegue dar respostas às situações que surgem do dia-a-dia profissional porque estas ultrapassam os conhecimentos elaborados pela ciência e as respostas técnicas que esta poderia oferecer ainda não estão formuladas (PIMENTA, 2002, p. 19 *apud* MILITÃO, 2004, p. 2).

Diante desse cenário, faz-se necessário a intervenção de uma política de ensino progressiva e consistente que atue diretamente nas condições sociais abrangentes, de forma que, a educação seja prioridade no país, e consonante a isso, que haja a melhoria salarial, com o intuito de tornar a profissão docente mais digna e valorizada, de forma a garantir a dedicação efetiva das atividades docentes pelos profissionais formados, e que estes reflitam positivamente no seu desempenho profissional e, conseqüentemente, no desempenho do educando.

A ideia aqui exposta gira em torno da proposta de formar profissionais quanto ao aspecto prático, reflexivo e de experimentação como fonte para o conhecimento. Essa reflexão surge a partir de situações reais práticas em que o educador se vê instigado a procurar propostas de soluções e assim possibilitar a mudança de cenário, pensando sempre em conquistar o novo e diferente, na busca por resultados satisfatórios. Verifica-

se, portanto, que as técnicas estão inerentes ao conhecimento e à competência dos bons profissionais (PIMENTA, 2002, p. 19).

A realização de uma prática docente efetiva acontece quando o profissional, em seguida da sua capacitação acadêmica, parte para uma construção do conhecimento pautada na reflexão, análise e problematização das hipóteses, em que o aprendido encontra seu eixo de atuação, onde o professor encara os desafios tentando superá-los, e buscando cada vez mais maneiras de contornar os possíveis problemas e não, de alguma forma, culpar o sistema educacional.

Portanto, as universidades e escolas de formação continuada devem aderir ao currículo do formando uma fonte componente da prática, a reflexão, sem a qual é inviável o pensamento, a compreensão e o agir, na busca por soluções de aprimoramento da ação docente em sala de aula e, da mesma forma, que o educador tenha a autonomia de buscar novos caminhos no sentido de ser autor e interventor de seus desafios.

1.1 Professor reflexivo e a construção de uma prática coerente

O ensino de língua portuguesa em sala de aula, no que diz respeito aos métodos conservadores e contemporâneos utilizados, tornou-se um tema constante no meio acadêmico e científico, onde se discutem problemas relacionados ao processo de ensino-aprendizagem das teorias linguísticas e alternativas para tentar resolvê-los. O que verifica-se, portanto, é a necessidade de reflexão sobre as bases desse processo, isto é, como dar sustento ao conteúdo prático de maneira que norteie o ensino eficaz da língua, considerando os diversos contextos sociais.

Durante muito tempo as aulas de língua materna foram ministradas predominantemente pela ótica metalinguística, em que o professor priorizava (prioriza) o estudo dos aspectos gramaticais descontextualizados, sem focar na funcionalidade social que esses fenômenos linguísticos implicam. Somado a isso, o aluno se mostra desmotivado pelas aulas, pois não encontra relação prática entre as atividades da disciplina e a realidade do seu convívio social.

Vale ressaltar, entretanto, que no contexto educacional em que vivemos o professor também se depara com diversas situações muitas vezes desconhecidas, com as quais não consegue lidar, por falta de experiência ou mesmo por falta de formação continuada, e

para as quais não encontra soluções cabíveis, faltando-lhe técnicas científicas pertinentes à investigação.

Pensando nesse fato, muitos estudiosos procuraram respostas para os problemas até então não solucionados. Havia a questão, porém, a resolução estava longe. Foi então que nos EUA, uma gama de pesquisadores se debruçou sobre o estudo para a descoberta de possíveis soluções para a mudança de paradigma do cenário conflituoso da educação de forma geral, sendo que, parte desses problemas, são proeminentes do próprio sistema educacional que forma o professor e, ao mesmo tempo, oprime, com cobranças de planejamento utópico que não coincidem com o tempo disponibilizado pelo profissional e tampouco com a remuneração.

Dessa feita, como recurso primordial para rever tais questionamentos e solucioná-los, é proposta a reflexão como o ato especializado de pensar sobre determinada questão, mas não só pensar, como também agir, rumo ao desenrolar de problemáticas emergidas de situações conflitantes. Tal conceito nos direciona à prática profissional de qualquer área, porém, focamos estritamente no papel do educador, de forma a analisar o processo de formação continuada voltada para a capacitação promissora, de maneira a refletir sobre os desafios encontrados pelos docentes.

Sabe-se, porém, que esta reflexão não se trata de uma proposta infalível para atingir a problemática da ação docente e seus desdobramentos. No entanto, é uma habilidade voluntária e ativa de que se está em busca da satisfação profissional. Para Dewey (1959):

(...) a reflexão não é simplesmente uma sequência, mas uma consequência – uma ordem de tal modo consecutiva que cada ideia engendra a seguinte como seu efeito natural e, ao mesmo tempo apoia-se na antecessora ou a este se refere (DEWEY, 1959, p. 14).

Dessa forma, esta reflexão está centrada na vontade de tornar o docente um autor crítico, a ponto de expressar o pensamento, na curiosidade de descobrir a verdade, questionando as injustiças e instigando a criatividade lógica, investigativa e psicológica das situações adversas, e jamais aceitá-lo como um reproduzidor de ideias e práticas exteriores à sua realidade profissional (ALARCÃO, 1996, p. 175). Assim, é notória a importância do poder criativo que se faz a partir da ação de intervenção nos processos educativos, em que o aprendizado do fazer docente se insere no meio social ao ponto de experimentar, corrigir, criar e inventar possibilidades.

Portanto, é indispensável que o profissional busque reencontrar a sua “personalidade” e autonomia dentro de sala de aula, e assim questionar sua prática, ao passo que transforma-a de acordo com as necessidades identificadas e com as respostas encontradas diante de sua reflexão e, a partir disso, intervir nas metodologias, como o recurso de gerir os seus próprios interesses enquanto formador de conhecimento. Contudo, também é de suma importância que as políticas de ensino estejam voltadas para a valorização do sistema educacional como um todo, a fim de transformar positivamente o atual cenário caótico e opressor.

Assim, o professor reflexivo tem em suas mãos um leque de oportunidades de fazer e refazer a sua prática com ajuda da análise e reflexão sobre sua prática pedagógica.

Passaremos agora a abordar pontos específicos da sociolinguística por acreditarmos que a variação linguística e o preconceito linguístico sejam elementos fundamentais para produzir efeitos de reflexão tanto nos alunos, como nos professores, trabalhando pontualmente conceitos e explicações relevantes no tratamento dos pontos acima mencionados. Abordar a prática de sala de aula, como ela é pensada e como ela é gerida é tarefa fundamental do professor que tem como principal objetivo a formação dos seus alunos na ética, criticidade e como ator da sua história.

1.2 Abordagem Sociolinguística

A Sociolinguística é uma disciplina científica que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração a relação entre língua e sociedade, e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Essa abordagem firmou-se nos Estados Unidos, na década de 1960 com o linguista William Labov que a denominou como “sociolinguística variacionista” ou teoria da variação. A corrente variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia.

Labov apresenta um modelo teórico-metodológico de análise para o “caos” linguístico, ou seja, a língua falada como objeto de estudo. O objeto de estudo normalmente está centrado no uso do vernáculo, que constitui a língua falada em situação natural, espontânea, em que o falante se preocupa mais com o que dizer do que com o como dizer. E como afirmação, Tarallo (1994) define a língua falada:

(...) a língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo

comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigo; nos corredores e pátios de escolas, longe da tutela dos professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados. (TARALLO, 1994, p. 19).

Segundo Tarallo (1994) a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo heterogênea e diversificada. Contudo, a Sociolinguística busca relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Similarmente Bagno (2007a) também defende a ideia de heterogeneidade da língua e acrescenta:

(...) a língua na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2007, p. 36).

O Sociolinguista se interessa pelas manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua, a mesma consegue medir o número de ocorrências de usos e fazer previsões em relação a essa variante por meio da metodologia de análise da língua em situação real de comunicação, como por exemplo, a transformação do L em R nos encontros consonantais que se deu ao longo da história da língua portuguesa, em latim *blandu*, *clavu* e *flaccu* passaram para o português respectivamente *brando*, *cravo* e *fraco*. Nesse sentido, em um estudo observado nas diferenças de pronúncia, pode-se notar o fenômeno da sincronia e diacronia¹. É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Entretanto, a corrente sociolinguística não separa esses dois fenômenos.

Bagno (2002) tece críticas à concepção tradicional de que só existe uma maneira considerada certa de falar. Nesse sentido, traz a seguinte reflexão:

É mais interessante estimular, nas aulas de língua um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transformar num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p. 32).

Com isso, vê-se a necessidade de democratizar o ambiente escolar, tornando-o mais aberto para as múltiplas variedades sociais, regionais, etárias, profissionais e etc.

¹ Fenômenos linguísticos definidos por Ferdinand Saussure (1995), o precursor do estruturalismo.

Portanto, além de contribuir para a descrição e explicação de expressões linguísticas, a sociolinguística também fornece subsídios para o ensino de língua materna. Dessa forma, dá uma visão menos preconceituosa aos professores e incentiva a valorizar os dialetos² da comunidade do aluno.

1.3 Variação e mudança

Este estudo visa mostrar que a variação linguística não é exclusiva dos falantes não-escolarizados como muitos pensam, pelo contrário, ela vem explicar que em toda comunidade de fala, há sempre variação, ou seja, há diferenças linguísticas que decorrem de vários fatores como: faixa etária, gênero, status socioeconômico, grau de escolarização, mercado de trabalho e rede social. Na contramão das crenças mais difundidas, a variação e a mudança linguísticas é que são o “estado natural” das línguas, o seu jeito próprio de ser.

Para Bagno (2007a), a variação linguística é um tema muito interessante em si mesma, como fenômeno linguístico capaz de explicar muitas coisas sobre a natureza das línguas humanas, seu funcionamento e, mais especialmente, sobre os processos de mudança linguística. Nessa perspectiva, Tarallo (1994) acrescenta que variação e mudança devem ser estudadas:

(...) Tal como proposto por Labov, a concepção e o alcance do modelo sociolinguístico são a um só tempo sincrônicos e diacrônicos: tanto a variação (situação em um determinado momento; sincronia) como a mudança (situação linguística em vários momentos sincrônicos, avaliados longitudinalmente; diacronia) linguísticas devem ser estudadas. (TARALLO, 1994, p. 36).

Aprimorando esse contexto, vale destacar a palavra *variedade*, que é um dos muitos “modos de falar” uma língua e, sua classificação apresenta termos como dialeto, socioleto, cronoletto, idioleto (-Leto derivado do grego *Léksis* que significa “palavra, ação de falar”). Contudo, vamos encontrar diferenças entre as variedades regionais como, por exemplo, em muitas áreas do Nordeste, as pessoas dizem “banhar”, enquanto no Centro-Sul se diz “tomar banho”.

Stella Bortoni-Ricardo (2004) assegura que existem três ambientes onde uma criança começa a desenvolver o seu processo de sociabilização: a família, os amigos e a

² Termo usado para indicar uma variedade regional.

escola. Ela chama esses ambientes, usando uma terminologia que vem da tradição sociológica, de domínios sociais. Bortoni-Ricardo define:

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo da interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 23).

É sem dúvida, no domínio do lar e da família onde nos sentimos mais à vontade para conversar. Há uma transição do domínio do lar para o domínio da escola, vemos uma cultura oral para uma cultura permeada pela escrita. Na sala de aula, encontramos grande variação no uso da língua, até mesmo por parte da professora. Portanto, em todos os domínios sociais, há regras que determinam ações que ali são realizadas.

O aspecto mais importante da variação linguística é, sem dúvida, a complexa rede de consequências sociais, culturais e políticas que ela suscita. Existem variedades que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder e passam a ser vistas como mais bonitas e até mais corretas. No entanto, esse prestígio é mero resultado de fatores políticos e econômicos. Para o linguista Bagno (2007a), onde tem variação sempre tem também avaliação.

Portanto, aquilo que para o Sociolinguista representa apenas diferença no uso da língua, para as pessoas em geral vai representar de fato um erro, um defeito ou um sinal de ignorância.

1.4 Norma Padrão e norma culta não são sinônimos

O conceito de norma, nos estudos linguísticos, surgiu da necessidade de estipular um nível teórico capaz de captar, pelo menos em parte, a heterogeneidade constitutiva da língua. Ferdinand Saussure estabeleceu uma forma teórica na concepção de língua como um sistema social uniforme que se materializa nos usos individuais, resumida na famosa dicotomia *langue/parole*. No entanto, por mais produtiva que esta concepção possa ter sido em algumas áreas dos estudos linguísticos, ela se mostrou insuficiente para explicitar a unidade sistêmica, bem como para dar conta da variabilidade linguística supra-individual (social). Nesse sentido, formulado pelo linguista Eugenio Coseriu (2008 *apud* Faraco 2008), o conceito de norma deu lugar a uma perspectiva tricotômica

(sistema/norma/fala). Faraco (2008) define dois conceitos para norma. O primeiro no olhar estruturalista de inspiração saussuriana:

Pode-se entender norma, no plano teórico, como cada um dos diferentes modos sociais de realizar os grandes esquemas de relações do sistema. Nesse sentido, cada norma se organiza como um certo arranjo de possibilidades admitidas pelo sistema. Cada um desses arranjos se desenha a partir do uso corrente, habitual de determinado grupo de falantes socialmente definido. (FARACO, 2008, p. 36).

Já o segundo, conceitua norma tecnicamente como conjunto de fenômenos linguísticos que são recorrente em uma determinada comunidade de fala.

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos, e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala. (FARACO, 2008, p. 37).

Portanto, numa sociedade diversificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas, como por exemplo, normas das comunidades rurais, normas de grupos juvenis, de populações urbanas, e assim por diante.

Há quem pense que norma-padrão e norma culta são a mesma coisa, porém existe distinção para esses dois termos, segundo estudiosos brasileiros como Bagno (2007a) e Faraco (2008) tais normas não são sinônimos.

A norma-padrão brasileira foi construída depois da independência, no século XIX, com base no modelo lusitano de escrita. A atitude de seguir esse modelo partiu da elite letrada conservadora, que tinham uma herança da tradição normativa dos países de línguas latinas, tinham como desejo viver num país branco e europeu. Sendo assim, o instrumento da norma-padrão é a gramática normativa. Dessa forma, Bagno (2007a) afirma:

(...) A norma-padrão e seu instrumento de divulgação mais prestigiado – a gramática normativa – são, antes de tudo, portadores de um discurso onde o que sobressai, muito mais do que uma análise de língua, é a tentativa de selecionar para excluir: não de selecionar umas formas linguísticas para excluir outras, mas sim de selecionar determinados cidadãos e excluir a grande maioria dos outros, lançados no submundo do “falar errado”, do “não saber pensar direito” (...) (BAGNO, 2007, p. 97).

Faraco (2008) acredita que há na designação “norma culta” um emaranhado de pressupostos nem sempre claramente discerníveis. O qualificativo “culto”, por exemplo, tomado em sentido absoluto, pode sugerir que esta norma se opõe a normas “incultas”, que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. Contudo, não há grupo humano

sem cultura, como bem demonstram os estudos antropológicos. Por isso, é preciso trabalhar criticamente o sentido do adjetivo culta, que diz respeito especificamente à cultura escrita, ou seja, é praticada por grupos sociais que estão diretamente relacionados com a cultura escrita.

A terminologia “culta” começa a surgir com a história dos romanos no mundo grego, onde a cultura grega passou a ser fortemente valorizada pela elite romana. Nessa época, Faraco (2008) supõe que, agregou-se à concepção de pessoa culta o pressuposto de bem falar e bem escrever, isto é, de cultivar certos modelos de língua. As pessoas tentavam aproximar seu modo de falar em público e de escrever aos usos dos poetas e autores consagrados, ou seja, imitar a língua dos autores clássicos era o ideal linguístico das pessoas cultas.

Conforme Bagno (2007a), podemos considerar novos nomes para velhos conhecidos, sendo assim, a “norma culta” por variedades prestigiadas e chamar a norma “popular” ou “vernácula” de variedades estigmatizadas.

(...) a norma-padrão não faz parte da língua, não corresponde a nenhum uso real da língua, constituindo-se muito mais como um modelo, uma entidade abstrata, um discurso sobre a língua, uma ideologia linguística, que exerce evidentemente um grande poder simbólico sobre o imaginário dos falantes em geral, mas principalmente sobre os falantes urbanos mais escolarizados. (BAGNO, 2007, p. 106).

A distinção entre norma-padrão e norma culta/variedades prestigiadas permite a identificação do que realmente é o português brasileiro contemporâneo falado e escrito pelas pessoas altamente escolarizadas dos meios urbanos.

Portanto, podemos dizer que a norma culta é o resultado de uma atitude social, onde o indivíduo escolhe um dos modos de falar entre os vários existentes e também por outro lado define um conjunto de normas que definem o modo correto de falar. Quem define o melhor modo e correto, são os grupos socialmente dominantes. Contudo, o termo “culta” tem a ver com a linguagem das pessoas da zona urbana.

1.5 Gramática tradicional

A gramática tradicional, também chamada de gramática normativa é utilizada como modelo teórico para abordagem e o ensino da língua nas escolas. Ela tem origem em uma tradição de base filosófica que iniciou na Grécia antiga. Os primeiros elaboradores das

primeiras obras gramaticais foram os filósofos. Segundo Martelotta (2012) foi de interesse dos filósofos gregos, entender alguns aspectos associados à relação entre a linguagem, o pensamento e a realidade. A palavra gramática, em grego, significa “a arte de escrever”.

No entanto, a gramática normativa insiste em ver a língua como uma grande poça de água parada, estagnada. Bagno (2007b) ressalta que “enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, a margem da língua.” De acordo com Antunes (2002) não se conseguirá sucesso no ensino sem se alterar a concepção de gramática e a concepção de seus limites na semântica das atuações verbais.

Conforme Possenti (1998) é necessária uma revolução, que mude a concepção de língua e de ensino de língua na escola. Para ele as regras estabelecidas pela gramática se assemelham às regras de etiqueta, expressando uma obrigação do que o indivíduo deve seguir ou não. Os falantes são avaliados na vida social e na escola. Quando violam essas regras, os falantes tornam-se objetos de reprovação.

Gnerre (1998) considera a gramática normativa um código incompleto, que abre espaço para a arbitrariedade de um jogo já marcado: apenas ganha aqueles que de saída dispõe dos instrumentos para ganhar. Esta dissemina a ideia da educação como um conhecimento de prestígio social e democrático que irá reduzir a distância entre grupos desfavorecidos, criando oportunidades iguais para todos. No entanto, contribui para a discriminação linguística, partindo de conceitos que exclui a classe de menor prestígio social, já que ver a língua como um objeto de poder e quem não a domina passa a sofrer severas punições.

Segundo Travaglia (2005), a gramática é um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente. Para ele, a gramática normativa só trata da variedade de língua que se considerou como norma culta, fazendo uma descrição dessa variedade e considerando como erro tudo o que não está de acordo com o que é usado nessa variedade da língua. Desta forma, as pessoas que seguem e obedecem às normas estabelecidas por esta gramática tem o intuito de falar e escrever bem.

1.6 Preconceito linguístico

A noção de “erro” é que faz surgir o preconceito linguístico. Vemos esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, jornal, revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado” e também o modelo tradicional de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

Mas quando surgiu a idéia de “erro”? Bagno (2007a) diz que a noção de “erro” nasceu no mundo ocidental, junto com as primeiras descrições sistemáticas da língua grega. O rei macedônio Alexandre III (356-323 a. C) “o Grande”, conquistou um enorme território que ia desde a pequenina Grécia, na Europa, até o Egito, na África, passando pelo Oriente Médio, pela Mesopotâmia, e chegando até o rio Indo, no limite entre o grande império persa e a Índia. Por conta dessas conquistas, a língua e a cultura gregas se difundiram, esse período histórico é conhecido como helenismo.

A partir desse período, a língua grega tornou-se o idioma internacional dentro do grande império, com isso há a necessidade de normatizar essa língua. O objetivo era criar um padrão uniforme e homogêneo que estivesse acima das diferenças regionais e sociais para se transformar num instrumento de unificação política e cultural. Essa tarefa de construir um padrão de correção foi concedida aos filólogos (“amantes da palavra”).

No Brasil existem alguns mitos que estão impregnados na mente das pessoas que se deixam enganar por eles. É importante destacar, que o linguista Marcos Bagno (2007b) lista em sua obra oito mitos que causam o preconceito na sociedade, são eles: Mito nº 1 “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, Mito nº 2 “Brasileiro não sabe português/ Só em Portugal se fala bem português”, Mito nº 3 “Português é muito difícil”, Mito nº 4 “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, Mito nº 5 “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”, Mito nº 6 “O certo é falar assim porque se escreve assim”, Mito nº 7 “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”, Mito nº 8 “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.

Percebemos que o modo como falamos é observado em qualquer ambiente que estivermos, seja na rua, na escola, em uma roda de amigos, ambientes públicos, etc. É perceptível analisar que, quando uma pessoa fala, o que está sendo avaliado não é apenas a língua, mas sim a própria pessoa, sua integridade física, individual e social. Nesse sentido, existe um forte preconceito social. Há diferenças linguísticas entre pessoas que

moram na zona urbana para com quem mora na zona rural, porém quanto menos prestigiado é um indivíduo, mais erros os membros das classes privilegiadas encontram na língua dele.

O preconceito também é proveniente do próprio ambiente escolar, pois até hoje muitos professores não sabem muito bem como agir diante dos chamados “erros de português”, que são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relação à cultura de letramento, que é a cultivada na escola. Há ocorrências quando o aluno usa uma regra não padrão, e o professor intervém, fornecendo o que seria o correto. Para os linguistas, é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo.

Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade. Bagno (2007b) explica quando falamos, ou escrevemos, tendemos a nos adequar à situação de uso da língua em que nos encontramos: se é uma situação formal, tentaremos usar uma linguagem formal; se é uma situação descontraída, uma linguagem descontraída, e assim por diante.

Portanto, é necessário combater o preconceito linguístico, reavaliar a noção de erro com mudança de atitude. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua. Esse (pré) conceito não tem fundamento real, é apenas resultado da ignorância e da intolerância.

1.7 Orientação dos PCNs para o ensino da variação linguística

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) (1998) afirmam que a “Língua Portuguesa” é composta por diversas variedades linguísticas. Essas variedades são, frequentemente, estigmatizadas por se levar em conta o relativo valor social que se atribui aos diversos modos de falar: as variantes linguísticas de menor prestígio social são logo catalogadas de “inferiores” ou, até mesmo, de “erradas”.

Vale lembrar que tal documento também incorpora essa visão de linguagem pautada na variação linguística, deixando claro que para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar e que esta se reflete de forma perfeita na escrita, de que nossas salas de aulas são

compostas por uma única variante linguística – a tida como Padrão. Os parâmetros curriculares norteiam:

(...) o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL, 1998, p. 82).

Portanto, para os PCN (1998) a escola não pode tratar as variedades linguísticas, que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita, como se fossem desvios ou incorreções.

CAPÍTULO II

2. CORPUS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Palmira Gabriel, localizado no município de Barcarena, no estado do Pará, durante o período de 30 dias, sendo este dividido em novembro de 2017 e março de 2018. Teve como objetivo principal refletir sobre o ensino de variação linguística no ensino médio, e também intervir por meio de uma Oficina, especificamente na turma do 1º ano (1º A – manhã). A equipe escolar foi

receptiva quanto à realização dessa análise, e o professor titular da referida turma contribuiu positivamente com a proposta.

O interesse pela pesquisa sobre o ensino da variação linguística em sala de aula, surgiu por meio do estudo na disciplina de Sociolinguística, no decorrer da graduação, e também pela experiência de ter participado como professora-estagiária no Projeto Aprender Mais, em parceria com a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) e o Instituto Euvaldo Lodi (IEL), onde pude constatar que os alunos da série do 1º ano do ensino médio desconheciam a temática Variação Linguística, sendo que, esse assunto precisa ser repassado desde o ensino fundamental. Por conseguinte, os PCNs e os livros didáticos são provas de que as variações são assuntos imprescindíveis ao ensino da língua materna na escola.

Nossa escolha na atuação voltada a este público-alvo, alunos do 1º ano do ensino médio, do turno da manhã, tem como justificativa de que, por estarem saindo do ensino fundamental I e iniciando uma nova fase de aprendizado, é de suma importância que estes alunos saibam que a Sociolinguística é uma disciplina que apresenta as variantes não como uma língua “errada” e sim como uma ciência que estuda os usos da língua na sociedade.

2.1. Identificação e localização

O Colégio Estadual de Ensino Médio Palmira Gabriel foi fundado em 13 de dezembro de 2002 pelo governador Almir Gabriel. Está localizado na travessa Jaime Dias s/n, bairro novo II, no município de Barcarena/Pa. A escola foi construída a partir das necessidades e anseios da comunidade onde está inserida, que ampliou-se gradativamente em função do crescimento do pólo industrial neste município. Dessa forma, tornou-se fundamental a implantação desta instituição de ensino para atender o crescente número de alunos.

2.2. Métodos e recursos utilizados

A pesquisa ocorreu primeiramente por meio de um levantamento bibliográfico para seleção e leitura de trabalhos científicos que abordassem as teorias acerca da variação linguística, em seguida, adveio a ida a campo, onde foi desenvolvida a pesquisa-ação com duas semanas de observação em sala de aula e duas semanas de oficina (carga horária de

4h). Vale elencar, que a Oficina dividiu-se em aulas, orientação da atividade proposta e apresentação oral (seminário) das atividades obtidas pelos alunos³.

A sequência da pesquisa ocorreu da seguinte forma: em primeiro plano, observação das aulas de português durante duas semanas (15 dias) no mês de novembro do ano de 2017. Nesse momento, observamos e refletimos sobre o público alvo com o qual iríamos trabalhar e também aplicamos um questionário de sondagem nas turmas do 1º ano C e D do professor titular. Em segundo plano, duas semanas (15 dias) de aplicação da Oficina abordando o assunto variação linguística, incluindo também aulas de orientação sobre a atividade em grupo. Por fim, em terceiro plano, concluímos com a proposta de atividade, a turma formada por 40 alunos foi dividida em 5 grupos sendo, 3 grupos de 8 alunos, e 2 grupos de 7 alunos. Cada grupo ficou responsável em pesquisar e apresentar oralmente em forma de seminário sobre uma marca regional das 5 regiões brasileiras que são: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Sugerimos formas de apresentação aos alunos em que eles ficaram livres para escolher entre apresentação (seminário), encenação, música, piada, discurso político, poema.

Os materiais utilizados para a execução das atividades da pesquisa foram: quadro magnético, piloto, material didático impresso⁴. Foram distribuídas cópias para cada aluno do material didático impresso, com intuito de que cada um pudesse acompanhar o conteúdo. Abordamos nesse material na seguinte sequência: I. Conceito de variações linguísticas; II. As diferentes variações linguísticas que existem, dentre elas, diafásicas (situacionais); históricas; diatópicas (regional) e diastráticas (social); III. Linguagem formal e informal; IV. Preconceito linguístico; e V. Proposta de atividade de pesquisa.

2.3 Relato de experiência

O relato de experiência segundo Lopes (2012), pertence ao domínio social, fazendo parte das experiências humanas, devendo conter tanto impressões observadas quanto conjecturadas. Este tipo de estudo é importante para a descrição de uma vivência particular que suscitou reflexões novas sobre um fenômeno específico. Sua relevância está na pertinência e importância dos problemas que nele se expõem, assim como o nível de generalização na aplicação de procedimentos ou de resultados da intervenção em outras situações similares, ou seja, serve como uma colaboração à práxis metodológica

³ Segue em anexo o plano de aula com a descrição das atividades realizadas.

⁴ Em anexo.

da área à qual pertence. Por acreditarmos nesse instrumento de análise e reflexão da prática docente, é que escrevemos esta prática como objeto de pesquisa e reflexão.

Neste relato de experiência, iremos narrar o passo a passo da vivência em sala de aula com as turmas de 1º ano durante a pesquisa de campo no Colégio Estadual Palmira Gabriel, localizado na cidade de Barcarena-Pará, que ocorreu em novembro de 2017 e março de 2018, assim como a reflexão sobre a prática docente realizada na oportunidade.

No mês de novembro do ano de 2017 deu-se início a pesquisa em sala de aula no Colégio Estadual Palmira Gabriel, localizado na cidade de Barcarena-Pa, com duas turmas de 1º ano, lotada com 40 alunos cada, num período de 15 dias, em que decidimos primeiramente observar a aula do professor titular da turma, que estava abordando o assunto variação linguística como conteúdo para a 4ª avaliação, e aproveitando a ocasião realizamos uma sondagem sobre o assunto em questão, por meio de um questionário contendo 10 perguntas objetivas. O questionário foi aplicado em duas turmas de 1º ano do turno da manhã, sendo elas: 1º ano C e 1º ano D. Nesse dia, notamos uma ausência considerável de alunos nas duas turmas, no entanto, o questionário foi aplicado exclusivamente com os alunos que estavam presentes em sala de aula. Sendo assim, a turma 1º ano C respondeu a 16 questionários e a turma 1º ano D respondeu a 21 questionários. Portanto, alcançamos com a sondagem 37 alunos no total.

O professor titular permitiu nossa contribuição nas aulas de observação, então fizemos um breve resumo sobre o preconceito linguístico, abordando O que é, e que possui um efeito negativo, então perguntamos aos alunos se todos nasceram no estado do Pará e se alguém já havia sofrido preconceito pelo seu modo de falar. Uma aluna do 1º ano D relatou que foi vítima de preconceito na escola, ela foi criticada por falar o sotaque Nordestino, a mesma nasceu no estado do Pará, porém convivia desde criança com os parentes Nordestinos, por conta das “encarnações” dos colegas ela ficava tímida para conversar em sala de aula e até mesmo para responder uma pergunta para o professor. Outro aluno do 1º ano C, contou que morou um tempo em São Paulo e percebeu as diferenças na fala dos Paulistanos, exemplificou que eles pronunciam o “r” de uma forma diferente de quem mora no Pará e citou o exemplo da palavra “porta”, então expliquei aos alunos que esse “r” pronunciado pelos Paulistas chama-se de “r” retroflexo (ɾ). A turma do 1º ano C foi mais participativa em relação ao 1º ano D, contudo, as duas turmas foram bem reflexivas e atentas com relação ao tema abordado. Observamos que os alunos tiveram dúvidas na seguinte pergunta do questionário: Pergunta 3. Você sabe o que é

variação linguística? Resposta sim ou não, sendo que, o professor já havia iniciado o tema na aula anterior, e nesse dia aplicamos o questionário antes do professor dar continuidade ao conteúdo. É importante frisar, que o nosso objetivo no mês de novembro não foi analisar o conteúdo do professor das referidas turmas, mas sim fazer uma investigação e sondagem concernente aos conhecimentos dos alunos em relação ao assunto foco da pesquisa.

Após nossa observação e sondagem resolvemos intervir por meio de uma Oficina de Língua Portuguesa com o tema variação linguística, que dividiu-se em aulas, orientação da atividade proposta e apresentação oral (seminário) das atividades obtidas pelos alunos. A oficina ocorreu no mês de março do ano de 2018, durante o período de 15 dias na turma do 1º ano A (manhã), lotada com 40 alunos. Distribuimos o material didático impresso para cada aluno, que foi produzido pelo pesquisador, constando o conteúdo a ser ministrado.

No primeiro dia, aplicamos o conteúdo apresentando previamente que a “variação linguística” refere-se às várias formas de falar e, está ligada à área da Sociolinguística, que estuda a língua em sociedade, nesse sentido ficou esclarecido aos alunos que o objetivo da oficina era mostrar que não existe forma certa ou errada de falar e sim forma adequada e não adequada de acordo com o contexto da situação em que estivermos. Como referencial teórico, citamos o autor Marcos Bagno, que escreveu várias obras a respeito desse assunto. Em seguida, mostramos as diferentes variações que ocorrem, sendo elas variação diafásica ou situacional; histórica; diatópica ou regional e diastrática ou social. Na explicação da variação social, mostramos exemplos das gírias paraenses como: “bem não” (interjeição que indica surpresa), “bora logo” (vamos), “borimbora” (vamos embora), “dá teus pulos” (te vira) e “deu bug” (deu defeito). Os alunos gostaram muito de ouvir, pelo fato dos mesmos utilizarem tais exemplos em seu dia a dia. No outro momento, abordamos sobre a linguagem formal e informal. Por conseguinte, propomos uma atividade de pesquisa dividindo a turma em 5 grupos. Cada grupo ficou responsável em pesquisar e apresentar oralmente sobre uma marca regional das 5 regiões brasileiras, sendo elas: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Sugerimos algumas formas de apresentação, dependendo do conteúdo pesquisado em que eles poderiam escolher entre apresentação (seminário), encenação, música, piada, discurso político, poema. As apresentações ficaram marcadas para os 2 últimos dias de oficina.

No segundo dia, destacamos o tema preconceito linguístico que está intimamente ligado às diferenças linguísticas, e para dá ênfase a esse assunto realizamos a leitura do texto “Nóis mudemo”⁵ do autor Fidêncio Bogo que relata uma experiência de um menino da periferia que sofreu preconceito linguístico na escola por parte da professora e dos colegas, o episódio foi o causador de o aluno ter que parar de estudar por não “aguentar” a gozação da turma. No momento da leitura do texto, notamos o silêncio na sala de aula, apreciação pela leitura e empatia no olhar de cada aluno ao ouvir o relato da história. Após a leitura, o texto foi aplaudido, e instigamo-los a contarem suas experiências, alguns comentaram que já presenciaram colegas que passaram por essa situação constrangedora. Em seguida, foi feita a orientação com os grupos em relação à atividade proposta, para verificarmos o que já haviam pesquisado, tirar as dúvidas e saber das dificuldades.

No terceiro e quarto dia, ocorreram as apresentações dos grupos, eles conseguiram mostrar com êxito as variações geográficas (marca regional) das regiões brasileiras. Abordaram sobre dialeto regional, que é realizado numa região específica, assim o gaúcho, o mineiro, o paraense e todos os outros possuem diferenças no modo de falar. Todos os grupos explanaram palavras e os significados específicos de cada região. A equipe responsável pela região Sudeste destacou um fenômeno linguístico que ocorre na fala de quem mora no interior de São Paulo, é o exemplo da redução do gerúndio, “cantano” em vez de “cantando”, essa é uma diferença do dialeto falado no interior em relação ao dialeto da capital. Houve leitura de um poema em cordel, contendo dialetos nordestinos. Após cada apresentação ressalvamos um confronto entre as formas de falar, elencando que também existem palavras que são pronunciadas de várias formas sem que a escrita sofra alterações como, por exemplo, teatro, dia, menino, tia, etc. Existem algumas palavras que por fazerem parte de uma cultura diferente podem ser desconhecidas em alguns lugares, como no caso de abóbora que em outras regiões se chama “jerimun”, menino no Sul se chama “guri”. E por fim, fizemos nossas considerações gerais em relação aos trabalhos e agradecimentos pela contribuição.

Portanto, a oficina trouxe resultados esperados e eficazes, as reações dos alunos foram de forma positiva, pelo fato de terem compreendido nossa proposta e absorveram o conteúdo. Ficou esclarecido que devemos respeitar as variedades existentes e sempre lembrar que a língua está em constante mudança. Os alunos demonstraram interesse em

⁵ Em anexo

aprender, foram prestativos e dedicados. Estavam um pouco tímidos, mas isso foi superado.

CAPÍTULO III

3. RESULTADOS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo, trataremos da obtenção dos resultados da coleta de dados. No tópico 3.1. analisaremos os dados quantitativos por meio dos questionários aplicados nas turmas do 1º ano C e D. Em seguida, o tópico 3.2 apresentará a análise do relato de experiência em sala de aula.

3.1. Análise dos questionários

Este questionário contém dez perguntas objetivas, e foi aplicado nas turmas 1º ano C e 1º ano D no turno da manhã, alcançou um total de 37 alunos. Por meio do questionário conseguimos realizar um diagnóstico com a classe, a respeito da temática variação linguística.

TABELA 1: Resultado do Questionário dos alunos

PERGUNTAS	RESPOSTAS	QUANTIDADE POR TURMA		TOTAL
		TURMA 1º C (16 alunos)	TURMA 1º D (21 alunos)	
Pergunta 1. Qual a sua idade?	14 a 16 anos	02	14	16
	17 a 19 anos	12	05	17
	20 a 22 anos	02	02	04
	outra idade	0	0	0
Pergunta 2. Você mora no interior ou na cidade?	interior	06	07	13
	cidade	10	14	24
Pergunta 3. Você sabe o que é variação linguística?	sim	13	10	23
	não	03	11	14
Pergunta 4. Você já estudou o assunto Variação Linguística no Ensino Fundamental?	sim	06	05	11
	não	10	16	26
Pergunta 5. Você já estudou o assunto variação linguística no ensino médio?	sim	15	13	28
	não	01	08	09
Pergunta 6. Na sua opinião, existe só uma forma certa de se falar?	sim	07	06	13
	não	14	15	29
Pergunta 7. Você já sofreu preconceito em relação à sua maneira de falar?	sim	04	03	07
	não	12	18	30
Pergunta 8. Você acha que a fala é diferente da escrita?	sim	13	17	30
	não	03	04	07
Pergunta 9. Você sabe o que é a norma culta?	sim	07	06	13
	não	09	15	24
Pergunta 10. Você acha que pessoas das classes mais privilegiadas falam um Português correto e pessoas das classes desprestigiadas falam errado?	sim	06	05	11
	não	10	16	26

Mostraremos a partir de então, o total geral, somando a coleta dos resultados referentes às duas turmas de 1º ano.

PERGUNTA 1: Qual a sua idade?

A tabela mostra que, dentre os 37 alunos que passaram pelo questionário, 16 responderam que tem 14 a 16 ANOS de idade, 17 responderam que tem 17 a 19 ANOS, 04 responderam que tem 20 a 22 ANOS, e, nenhum respondeu que tem OUTRA IDADE.

PERGUNTA 2: Você mora no interior ou na cidade?

Segundo à pergunta 2, identificamos que 13 alunos responderam que moram no INTERIOR e 24 responderam que moram na CIDADE.

PERGUNTA 3: Você sabe o que é variação linguística?

A partir da pergunta 3 verificamos que 23 alunos responderam que SIM, e 14 responderam que NÃO sabem o que é variação linguística.

PERGUNTA 4: Você já estudou o assunto variação linguística no ensino fundamental?

Ao verificarmos a pergunta 4, percebemos que 11 alunos responderam que SIM, que tinham estudado o assunto variação linguística no ensino fundamental, e 26 responderam que NÃO.

PERGUNTA 5: Você já estudou o assunto variação linguística no ensino médio?

Ao analisarmos a pergunta 5, verificamos que 28 alunos responderam SIM, e 09 responderam que NÃO haviam estudado esse assunto no ensino médio.

PERGUNTA 6: Na sua opinião, existe só uma forma certa de se falar?

Segundo à pergunta 6, verificamos que 13 alunos responderam SIM, e 29 responderam que NÃO existe forma certa de se falar.

PERGUNTA 7: Você já sofreu preconceito em relação à sua maneira de falar?

De acordo com a pergunta 7, constatamos que 07 alunos responderam que SIM, já sofreram preconceito em relação à sua maneira de falar e 30 responderam NÃO.

PERGUNTA 8: Você acha que a fala é diferente da escrita?

Segundo à pergunta 8, constatamos que 30 alunos responderam que SIM, acham que a fala é diferente da escrita e 07 responderam NÃO.

PERGUNTA 9: Você sabe o que é a norma culta?

A partir da pergunta 9, constatamos que 13 alunos responderam SIM, e 24 responderam que NÃO sabem o que é a norma culta.

PERGUNTA 10: Você acha que pessoas das classes mais privilegiadas falam um Português correto e pessoas das classes desprestigiadas falam errado?

De acordo com a pergunta 10, constatamos que 11 alunos responderam que SIM, acham que pessoas de classe privilegiada falam um português correto e pessoas de classe desprestigiada falam errado, e 26 responderam NÃO.

3.2. Análise dos resultados de experiência

A prática em sala de aula nos possibilitou refletirmos sobre nossas ações. A direção e coordenação da escola foram o elemento primordial para direcionamento à efetiva execução de nossa pesquisa. O professor titular da turma colaborou de forma positiva, nos deu autonomia para trabalharmos esta proposta. O processo de observação e sondagem nas duas turmas de 1º ano, se deu de forma passiva, contribuindo para nossa intervenção posteriormente.

Como pontos negativos, fizemos um planejamento para a oficina com aulas teóricas e práticas, sendo que o vídeo da aula teórica não foi possível ser reproduzido devido às condições infra-estruturais da escola, pois apesar de ter o recurso do datashow, não havia sala de vídeo disponível. Vale destacar também que, nossa intenção era realizar a pesquisa de campo, somente em um ano letivo escolar, mas por conta de situações adversas ocorreram em dois anos letivos, final de 2017 e início de 2018.

Como pontos positivos, durante a oficina, obtivemos um aproveitamento e essa percepção foi vista durante as explicações do conteúdo e também por meio das apresentações dos trabalhos que propomos aos educandos. Avaliamos que a atividade proposta foi adequada às necessidades dos alunos e aos resultados gerados. Houve uma resistência por parte dos alunos, quanto à forma de apresentação da atividade (seminário), no entanto, esse impasse foi superado. E em algum momento, os alunos sentiram-se motivados à realizar a atividade por conta da pontuação qualitativa que iam receber.

Portanto, nossa vivência em sala de aula possibilitou refletirmos que podíamos melhorar em relação à proposta de atividade, aplicando não só uma pesquisa na internet ou em livros, como também uma produção escrita ou oral, de autoria própria do aluno. Dessa forma, aprendemos que o professor não só avalia seus alunos, mas também analisa

a atividade proposta, identificando o sentido de sua aplicação, a motivação e o estímulo ao pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho foi um desafio, no sentido de termos que dispor de tempo e muita força de vontade, contudo, conseguimos conciliar a graduação e o trabalho da pesquisa de campo. A experiência vivenciada em sala de aula foi de valorosa importância para nossa atuação enquanto professores de língua portuguesa.

Ao chegarmos na escola, fomos bem recebidos pela direção e demais funcionários. Após sermos autorizados para iniciarmos a pesquisa, fomos apresentar nossa proposta de trabalho para o professor de língua portuguesa da turma de 1º ano, este foi de acordo com tal proposta e contribuiu de forma positiva para poder chegarmos aos resultados esperados.

Buscamos a partir de nossa prática, orientar os educandos quanto às variedades linguísticas existentes no Brasil, visando à conscientização dos alunos acerca das atitudes que contribuem para possíveis práticas preconceituosas que ocorrem na escola e sociedade em geral. Além de demonstrar que, em certas situações do cotidiano, precisamos adequar a linguagem ao contexto de uso. Em nosso estudo percebemos que alguns alunos não tinham noção da diversidade linguística, considerando como “correta” apenas a variante culta padrão e menosprezando as demais.

Nossa metodologia foi voltada para atividades de ensino-aprendizagem visto que, primeiramente passamos um conhecimento teórico aos alunos, e em seguida, obtivemos a prática por intermédio dos discentes, por meio das apresentações das marcas regionais das cinco regiões brasileiras. A oficina possibilitou aprimorarmos os conhecimentos dos alunos sobre as variações linguísticas, como também o preconceito linguístico e suas consequências individuais e sociais.

Compreendemos, portanto, que o estudo das variantes linguísticas deve fazer parte do ensino em língua materna. Focar a variação linguística na escola é importante para que os falantes saibam como adequar a língua às diversas situações existentes. Como vimos de acordo com os PCN, o estudo da língua materna na escola aponta para uma reflexão sobre o uso da língua na vida e na sociedade. Os alunos devem compreender que a língua

portuguesa é a nossa língua materna e na escola não se deve impor a língua padrão como correta, mas ensinar que existem vários contextos onde se utilizam várias variações dessa mesma língua.

Portanto, a realização deste trabalho também nos possibilitou fazer questionamentos sobre nossa prática docente, porque além de termos contribuído para o desenvolvimento dos alunos, nos permitiu realizar reflexões sobre nossa própria prática pedagógica, no aspecto de que, é de suma importância planejar, adaptar, ajustar e repensar nossas estratégias com base nos resultados como reflexos de tal prática.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I.C. *No meio do caminho tinha um equívoco, gramática, tudo ou nada*. In: *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 127-134.

BAGNO, Marcos. *Língua Materna – letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

_____; *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007a.

_____; *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 48ª e 49ª edição. São Paulo. Edições Loyola, 2007b.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL/MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. - Brasília: Ministério da Educação, 1998.

DEWEY, J. *Como pensamos*. 3. ed. Trad. Hayée Camargo Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

GNERRE, M. *Linguagem, poder e discriminação. Linguagem, Escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 5-11.

LOPES, Marcos Venícios de Oliveira. *Sobre estudos de casos e relatos de experiências*. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, v. 13, n. 4, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/4019/3159>>. Acesso em 10 jun. 2018

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. (org.). 2. Ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

MILITÃO, Silvio César Nunes. *Formação do Professor Reflexivo no Brasil: para além do Conceito*.- São Paulo: Revista científica eletrônica de pedagogia ISSN 1678-300X-ano II – Número 4, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?* – São Paulo: Cad. Pesq., n. 94, p. 58-73, ago. 1995.

_____; GHEDIN, Evandro (orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

POSSENTI, S. *Não existem línguas uniformes. Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras: ABL, 1998.p.33-37.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. Editora Ática. São Paulo, 1994.

TRAVAGLIA, L. C. *Como tem sido o ensino de gramática nas escolas de ensino fundamental e médio no Brasil. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 101-106.

ANEXOS

Anexo 1: Declaração à escola



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA



ENCAMINHAMENTO PARA ATIVIDADE DE CAMPO

Da Faculdade: Ciências da Linguagem
Curso: Línguas - Língua Portuguesa
Para: Colégio Palmira Gabriel

Encaminhamos o (a) discente Franciele Lima Beltrão
Matrícula Nº 201401140016, para realizar atividade de campo referente à disciplina
Seminário de Pesquisa, ministrada
pelo(a) Docente: Rosângela Noqueira

Sara Cesteroni
Assinatura do Docente - orientadora

ou

Assinatura da Direção da Faculdade

Data: 16 de novembro de 2017.

Recebido
em 16/11/17
[Assinatura]

Rua Manoel de Abreu, s/n, Bairro: M utirão, CEP: 68.440-000
FONE/FAX: (91)3751-1131/3751-1107, ramal externo: 06
Abaetetuba - Pará

Anexo 2: Plano de aula

PLANO DE AULA

I. Dados de Identificação:

Escola: Colégio Estadual Palmira Gabriel

Professora: Franciele Lima Beltrão Santos

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 1º ano/ Turmas: A, C e D

Turno: Manhã

II. Tema: Variação Linguística.

III. Objetivo Geral:

- ❖ Refletir sobre o estudo da Variação Linguística em sala de aula, a fim de fazer os alunos compreenderem seu uso e sua função dentro do contexto brasileiro, onde eles vivem e se socializam através da comunicação e interação social.

IV. Específicos:

- ❖ Definir o que é a Variação Linguística;
- ❖ Apresentar os tipos de variação das regiões brasileiras;
- ❖ Mostrar exemplos de variação linguística através de textos escritos, imagéticos e audiovisuais;
- ❖ Apresentar o que é Preconceito Linguístico;
- ❖ Estimular a reflexão dos alunos sobre a temática;
- ❖ Possibilitar a produção de pesquisas pelos alunos a respeito do estudado;
- ❖ Propiciar o desenvolvimento linguístico do aluno.

V. Metodologia:

1º Momento: observação pelo pesquisador, em sala de aula, sobre o assunto da variação linguística ministrado pelo professor titular da turma, seguida da aplicação do questionário, com o intuito de sondar o conhecimento dos alunos sobre o tema.

2º Momento: ministração da oficina na turma escolhida por meio de aula teórica, utilizando como suporte o material didático impresso, como também o vídeo intitulado *Preconceito Linguístico* de Marcos Bagno, retirado do *YouTube*.

3º Momento: aula prática pelos alunos com a demonstração do conhecimento absorvido, por meio da apresentação de seminário ou encenação, música, piada, poema, discurso, etc.

VI. Recursos:

- ❖ Computador; Data Show; Caixa de Som; Pincel; Quadro Branco e Material Impresso.

VII. Avaliação:

- ❖ Participação dos alunos em aula e produção da atividade proposta.

VIII. Bibliografia:

- ❖ <<https://www.figuradalinguagem.com/gramatica/variacao-linguistica/>>
- ❖ <<https://www.estudopratico.com.br/variacoes-linguisticas-diafasica-diatopica-diastratica-e-historica/>>
- ❖ <<https://www.youtube.com/watch?v=DiweofUhbT4>>
- ❖ BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. – São Paulo: Parábola Editorial, 2004. [Linguagem; 4]



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

QUESTIONÁRIO (ALUNO)

- 1- Qual a sua idade?
() 14 a 16 anos () 17 a 19 anos () 20 a 22 anos () outra idade
- 2- Você mora no interior ou na cidade?
() interior () cidade
- 3- Você sabe o que é variação linguística?
() Sim () Não
- 4- Você já estudou o assunto variação linguística no ensino fundamental?
() Sim () Não
- 5- Você já estudou o assunto variação linguística no ensino médio?
() Sim () Não
- 6- Na sua opinião, existe só uma forma certa de se falar?
() Sim () Não
- 7- Você já sofreu preconceito em relação à sua maneira de falar?
() Sim () Não
- 8- Você acha que a fala é diferente da escrita?
() Sim () Não
- 9- Você sabe o que é a norma culta?
() Sim () Não
- 10- Você acha que pessoas das classes mais privilegiadas falam um Português correto e pessoas das classes desprestigiadas falam errado?
() Sim () Não

Anexo 4: texto da apostila do professor colaborador (página 1)

4 - AVALIAÇÃO
1º ANO MANHÃ

LÍNGUA PORTUGUESA PROFESSOR: EDINALDO MORAES


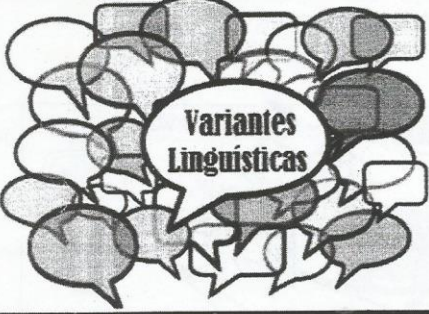
Variantes linguísticas

A língua pode transformar-se através do tempo devido a vários fatores vindos da própria sociedade, pois ela não é regida por normas fixas e imutáveis. Uma mesma língua sempre estará sujeita a variações, como a diferença de épocas, regionalidade, grupos sociais e diferentes situações, como a fala formal e informal.

Você já deve ter percebido que, mesmo dentro do Brasil, por exemplo, existem várias maneiras de falar a Língua Portuguesa. As pessoas se comunicam de formas diferentes e diversos fatores devem ser considerados no nosso falar, incluindo a época, a região geográfica, idade, ambiente e o status sociocultural dos falantes.

Diante de tantas variantes linguísticas, é importante ressaltar que não existe forma mais correta de se falar, e sim a maneira mais adequada de se expressar de acordo com o contexto e o interlocutor. Nós adequamos o nosso modo de falar ao ambiente e não falamos da mesma forma como escrevemos.

[REDACTED]



[REDACTED]

Por exemplo, usar a linguagem formal escrita em uma comunicação informal é inadequado, pois pode soar como artificial e pretensioso. O ideal é que saibamos adequar a nossa fala ao contexto de comunicação, o que inclui o ambiente e o nosso interlocutor.

Confira a seguir quais são as diferentes **variações** que ocorrem na língua:

- **Variações diafásicas (situacionais):** Trata-se das variações que ocorrem em função do contexto comunicativo. A ocasião determina como falaremos com o nosso interlocutor, podendo ser formal ou informal.
- **Variações diastráticas:** Variações que ocorrem devido à convivência entre os grupos sociais. Como exemplos desta modalidade de variantes linguísticas temos as gírias, os jargões e o linguajar caipira. Trata-se de uma variante social pertencente a um grupo específico de pessoas. As gírias pertencem ao vocabulário de certos grupos, como, por exemplo, os surfistas, estudantes, policiais; já os jargões estão relacionados com as áreas profissionais e se caracterizam pelo linguajar técnico. Como exemplo, podemos citar os profissionais da Informática, os advogados e outros.
- **Variações históricas:** ocorrem com o desenvolvimento da história, por exemplo, o português medieval e o atual.

A língua não é fixa e imutável, mas sim dinâmica e sofre transformações ao longo do tempo. A palavra "você", por exemplo, tem origem na expressão de tratamento "vossa mercê" e que se transformou sucessivamente em "vossemecê", "vosmecê", "vancê" até chegar no abreviado "vc".

Anexo 5: texto da apostila do professor colaborador (página 2)

• **Variações diatópicas (geográficas):** São as variações que ocorrem pelas diferenças regionais. As variações regionais são denominadas dialetos e fazem referência a diferentes regiões geográficas, de acordo com a cultura local. A palavra "mandioca", por exemplo, em certos lugares do Brasil, recebe outras denominações, como "macaxeira" e "aipim". Você já deve ter percebido que um mineiro não fala igual ao paulista, gaúcho ou nordestino, por exemplo. São os sotaques, pertencentes a esta modalidade de variante linguística e que estão ligados às marcas orais da linguagem. Há também as variações entre o português do Brasil e de Portugal.

Linguagem Informal e Formal

Quanto aos níveis da fala, podemos considerar dois padrões de linguagem, a linguagem formal e informal. Certamente, quando falamos com pessoas próximas utilizamos a linguagem dita **coloquial**, ou seja, aquela espontânea, dinâmica e despreziosa.

1. COLOQUIAL: é o uso da língua sem a preocupação com a forma(informal). O locutor(falante) faz a opção da informalidade, infringindo algumas normas da gramática prescritiva. É uma linguagem familiar ou popular que permite a ausência de algumas concordâncias, infração das regências e da colocação de pronomes oblíquos. Podemos começar uma frase como Te levanta..., ou ainda, A gente vai prá casa da vó..., porque não há rigidez quanto às normas.

Ocorre um relaxamento da língua pela comodidade da comunicação.
Veja o exemplo!



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6308

2. Vulgar - é a utilização da língua sem nenhuma correção gramatical.

Evidenciam-se palavras com pronúncias diferentes como pobrema ou poblema, e estruturas de palavras sem a interferência da língua padrão ou formal como os verbos pegemo, sobremo, avisemo, entre outros. Essas ocorrências verificam-se no ambiente em que as pessoas possuem pouca ou nenhuma escolaridade.

Leia a tirinha abaixo:



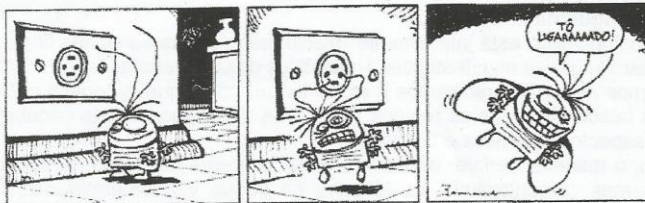
Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

A fala das personagens revela um completo desconhecimento das normas gramaticais.

Anexo 6: texto da apostila do professor colaborador (página 3)

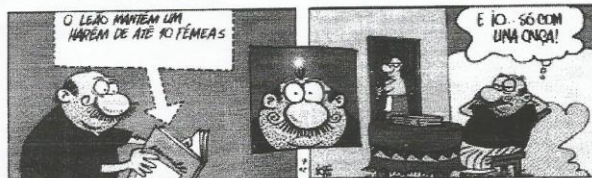
3. Gíria – evolui com o tempo. As gírias de outras décadas já não se ouvem mais, quem hoje ainda fala Grande África? Entretanto, quando alguém a reconhece, sabe que é uma gíria. Sabemos que varia também nos grupos. Por exemplo, jovens de regiões diferentes, de ambientes familiares diferentes entendem-se através de expressões também diferentes; a gíria dos presídios difere da gíria do futebol, do skate, do surf e, uns nem sempre entendem o que os outros falam; as gírias dos vários redutos marginalizados se diferenciam também, muitas vezes, para garantir a sobrevivência dos moradores e dos que lá comandam. Enfim, cada grupo cria a linguagem que o vai identificar. Tá ligado? Então sai da asa, cai na real e te liga nos próximos exemplos!

Observe o exemplo:



4. Regional – as diferentes regiões do Brasil se expressam através de vocabulário com marcas regionais. Painho na Bahia, não é utilizado no Rio de Janeiro, enquanto que uma pexada para os gaúchos é para os cariocas uma refeição à base de peixe. Assim, até mesmo dentro de uma só região como a Sul, por causa da incidência da colonização alemã e italiana, a pronúncia das palavras e a entonação das frases se diferencia nas cidades do interior e em relação à capital.

Observe o exemplo abaixo:



O regional, neste caso, é típico da região serrana do sul do Brasil, onde houve maior incidência de italianos que influenciaram os hábitos e a linguagem da população local.

NORMA PADRÃO/FORMAL/CULTA

No entanto, de acordo com o contexto em que estamos inseridos, devemos seguir as regras e normas impostas pela gramática, por exemplo, quando elaboramos um texto (linguagem escrita) ou organizamos nossa fala numa palestra (linguagem oral). Em ambos os casos, utilizaremos a linguagem formal, a qual está de acordo com a normas gramaticais.



Copyright © 1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

6493

O **padrão formal** está diretamente ligado à linguagem escrita, restringindo-se às normas gramaticais de um modo geral. Razão pela qual nunca escrevemos da mesma maneira que falamos. Este fator foi determinante para a que a mesma pudesse exercer total soberania sobre as demais. A norma padrão deve ser utilizada em situações formais da fala: discursos políticos, religiosos, entrevista de emprego, seminários etc.; e em situações formais da escrita: redação escolar (ENEM, provas...), documentos oficiais (currículo, ofício, cartas a autoridades, atas etc.).

Observe que as variações linguísticas são expressas geralmente nos discursos orais, uma vez que quando produzimos um texto escrito, seja em qual for o lugar do Brasil, seguimos as regras do mesmo idioma: o português.

Quanto **ao nível informal**, este por sua vez representa a linguagem do dia a dia, das conversas informais que temos com amigos, familiares etc.

Preconceito Linguístico

O preconceito linguístico está intimamente relacionado com as variações linguísticas, uma vez que ele surge para julgar as manifestações linguísticas ditas superiores.

Para pensarmos nele não precisamos ir muito longe, posto que no nosso país, embora o mesmo idioma seja falado em todas as regiões, cada uma delas possui suas peculiaridades que envolvem diversos aspectos históricos e culturais.

Sendo assim, a maneira de falar do norte é muito diferente da falada no sul do país. Isso ocorre porque nos atos comunicativos, os falantes da língua vão determinando expressões, sotaques e entonações de acordo com as necessidades linguísticas.

De tal modo, o preconceito linguístico surge no tom de deboche, sendo a variação apontada de maneira pejorativa e estigmatizada.

Quem comete esse tipo de preconceito, geralmente tem a ideia de que sua maneira de falar é correta e ainda, superior a outra.

Entretanto, devemos salientar que todas as variações são aceitas e nenhuma delas é superior, ou considerada a mais correta.

Exercícios: Caiu no Enem!

(ENEM 2014)

Em Bom Português

No Brasil, as palavras envelhecem e caem como folhas secas. Não é somente pela gíria que a gente é apanhada (aliás, não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é “a gente”). A própria linguagem corrente vai-se renovando e a cada dia uma parte do léxico cai em desuso.

Minha amiga Lila, que vive descobrindo essas coisas, chamou minha atenção para os que falam assim:

– Assisti a uma fita de cinema com um artista que representa muito bem.

Os que acharam natural essa frase, cuidado! Não saber dizer que viram um filme que trabalha muito bem. E irão ao banho de mar em vez de ir à praia, vestido de roupa de banho em vez de biquíni, carregando guarda-sol em vez de barraca. Comprarão um automóvel em vez de comprar um carro, pegarão um defluxo em vez de um resfriado, vão andar no passeio em vez de passear na calçada. Viarão de trem de ferro e apresentarão sua esposa ou sua senhora em vez de apresentar sua mulher.

(SABINO, F. Folha de S. Paulo, 13 abr. 1984)

A língua varia no tempo, no espaço e em diferentes classes socioculturais. O texto exemplifica essa característica da língua, evidenciando que

- o uso de palavras novas deve ser incentivado em detrimento das antigas.
- a utilização de inovações do léxico é percebida na comparação de gerações.
- o emprego de palavras com sentidos diferentes caracteriza diversidade geográfica.
- a pronúncia e o vocabulário são aspectos identificadores da classe social a que pertence o falante.
- o modo de falar específico de pessoas de diferentes faixas etárias é frequente em todas as regiões.

(ENEM 2014)

Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo pra xaxar
Vou mostrar pr'esses cabras
Que eu ainda dou no couro
Isso é um desaforo
Que eu não posso levar
Que eu aqui de novo cantando
Que eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo mostrando
Como se deve xaxar.
Vem cá morena linda
Vestida de chita
Você é a mais bonita
Desse meu lugar
Vai, chama Maria, chama Luzia
Vai, chama Zabé, chama Raque
Diz que tou aqui com alegria.

(BARROS, A. Óia eu aqui de novo. Disponível em Acesso em 5 maio 2013)

A letra da canção de Antônio Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil. O verso que singulariza uma forma do falar popular regional é:

- “Isso é um desaforo”
- “Diz que eu tou aqui com alegria”
- “Vou mostrar pr'esses cabras”
- “Vai, chama Maria, chama Luzia”
- “Vem cá, morena linda, vestida de chita”

OFICINA DE LÍNGUA PORTUGUESA ASSUNTO: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

PROF^ª: Franciele Santos

❖ Variações linguísticas

A língua não é rígida por normas fixas e imutáveis, muito pelo contrário: assim como a sociedade é totalmente mutável, a língua pode transformar-se através do tempo por causa de vários fatores vindos da própria sociedade. Se compararmos textos antigos com atuais, perceberemos grandes mudanças no estilo e nas expressões.

Com certeza você já percebeu que, mesmo dentro de um mesmo país, existem várias maneiras de se falar uma língua, no nosso caso, a Língua Portuguesa. As pessoas se comunicam de formas diferentes e múltiplos fatores devem ser considerados, tais como a época, a região geográfica, a idade, o ambiente e o status sociocultural dos falantes. Nós costumamos adequar o nosso modo de falar ao ambiente e ao nosso interlocutor e não falamos da mesma forma que escrevemos.



❖ As diferentes variações linguísticas

Variações diafásicas (Situacionais): São as variações que se dão em função do contexto comunicativo, isto é, a ocasião determina o modo como falaremos com o nosso interlocutor, podendo ser formal ou informal.

Variações históricas: a língua é dinâmica e sofre transformações ao longo do tempo. Um exemplo de variação histórica é a questão da ortografia: a palavra "farmácia" já foi escrita com "ph" (pharmácia). A palavra "você", que tem origem etimológica na expressão de tratamento de deferência "vossa mercê" e que se transformou sucessivamente em "vossemecê", "vosmecê", "vancê", até chegar na que utilizamos hoje que é, muitas vezes (principalmente na Internet), abreviado para "vc".

Variações diatópicas (regional): Representam as variações que ocorrem pelas diferenças regionais. As variações regionais, denominados dialetos, são as variações referentes a diferentes regiões geográficas, de acordo com a cultura local. Um exemplo deste tipo de variação é a palavra "mandioca" que, em certos lugares, recebe outras denominações, como "macaxeira" e "aipim". Nesta modalidade também estão os sotaques, ligados às marcas orais da linguagem.

Variações diastráticas (social): São as variações ocorridas em razão da convivência entre os grupos sociais. As gírias, os jargões e o linguajar caipira são exemplos desta modalidade de variação linguística. É uma variação social e pertence a um grupo específico de pessoas. As gírias pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como os policiais, cantores de rap, surfistas, estudantes, jornalistas, entre outros.

Já os jargões estão relacionados com as áreas profissionais, caracterizando um linguajar técnico. Como exemplo, podemos citar os profissionais da Medicina, os advogados, os profissionais da Informática, dentre outros.

Linguagem formal

Trata-se de um tipo de linguagem considerada mais culta e prestigiada, utilizada principalmente quando não existe familiaridade/intimidade entre os interlocutores da comunicação ou em determinadas situações que requeiram maior seriedade, como em uma audiência jurídica, por exemplo.

Linguagem informal

Trata-se daquela que é caracterizada por ser menos culta ou prestigiada, sendo utilizada especialmente quando há maior grau de intimidade/familiaridade entre os interlocutores ou em situações descontraídas, como no bate-papo com os amigos, por exemplo.

❖ Preconceito Linguístico

O Preconceito Linguístico é aquele gerado pelas diferenças linguísticas existentes dentro de um mesmo idioma.

De tal maneira, está associado as diferenças regionais desde dialetos, regionalismo, gírias e sotaques, os quais são desenvolvidos ao longo do tempo e que envolvem os aspectos históricos, sociais e culturais de determinado grupo.

O preconceito linguístico é um dos tipos de preconceito mais empregados na atualidade e pode ser um importante propulsor da exclusão social.

ATIVIDADE

Pesquisar e apresentar sobre uma marca regional brasileira, sendo elas: norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste.

Sugestões: Apresentação, Encenação, música, piada, discurso político, poema.

“NÓIS MUDEMO”

(Fidêncio Bogo)

O ônibus da Transbrasiliãna deslizava manso pela Belém-Brasília rumo a Porto Nacional. Era abril mês de derradeiras chuvas. No céu, uma luazona enorme pra namorado nenhum botar defeito. Sob o luar generoso, o cerrado verdejante era um presépio, todo poesia e misticismo.

Mas minha alma estava profundamente amargurada. O encontro daquela tarde, a visão daquele jovem marcado pelo sofrimento, precocemente envelhecido, a crua recordação de um episódio que parecia tão banal...Tentei dormir, inútil. Meus olhos percorriam a paisagem enluarada, mas nada era para mim do que um pano de fundo de um drama estúpido e trágico.

As aulas tinham começado numa segunda-feira. Escola de periferia, classes heterogêneas, retardatárias. Entre eles, uma criança crescida, quase um rapaz.

- Por que você faltou esses dias todos?
- É que nós mudemo onti, fessora. Nós veio da fazenda. (Risadinhas da turma)
- Não se diz “nóis mudemo”, menino! A gente deve dizer: nós mudamos, tá?
- Tá fessora!

No recreio, as chacotas dos colegas: Oi, nós mudemo! Até amanhã, nós mudemo!

No dia seguinte, a mesma coisa: risadinhas, cochichos, gozações.

- Pai, não vô mais pra escola!
- Óxente, modi quê?

Ouvida a história, o pai coçou a cabeça e disse:

- Meu fio, num deixa a escola por uma bobagem dessa! Não liga pras gozações da mininada! Logo eles esquece.

Não esqueceram.

Na quarta-feira, dei pela falta do menino. Ele não apareceu no resto da semana. Nem na segunda-feira seguinte. Aí me dei conta de que eu nem sabia o nome dele. Procurei no diário de classe e soube que se chamava Lúcio – Lúcio Rodrigues Barbosa. Achei o endereço. Longe, uns dois casebres do bairro. Fui lá uma tarde. O rapazola tinha partido no dia anterior para a casa de um tio no sul do Pará.

- É professora, meu fio num agüento as gozação da mininada. Eu tentei fazer ele continuá, mas num teve jeito. Ele tava chatiado demais. Bosta de vida! Eu devia de tê ficado na fazenda cõa famia. Na cidade nós num tem veis. Nós fala tudo errado.

Inexperiente, confusa, sem saber o que dizer engoli em seco e me despedi.

O episódio ocorrera há dezessete anos e tinha caído em total esquecimento, ao menos de minha parte.

Uma tarde, num povoado à beira da Belém-Brasília eu ia pegar o ônibus, quando alguém me chamou. Olhei e vi, acenando para mim, um rapaz pobremente vestido, magro, com a aparência doente.

- O que é moço?

- A senhora não se lembra de mim, fessora ?

Olhei para ele, dei tratos à bola. Reconstitui num momento meus longos anos de sacerdócio, digo, de magistério. Tudo escuro.

- Não me lembro não, moço. Você me conhece? De onde? Foi meu aluno? Como se chama?

Para tantas perguntas uma resposta lacônica:

- Eu sou “nóis mudemo”, lembra?

Comecei a tremer.

- Sim moço, agora me lembro. Como era mesmo o seu nome?

- Lúcio – Lúcio Rodrigues Barbosa.

- O que aconteceu com você?

- O que aconteceu? Ah! Fessora! É mais fácil dizer o que não aconteceu. Comi o pão que o diabo amasso. E êta diabo bom de padaria! Fui garimpeiro, fui bóia-fria, um “gato” me arrecadou e levou um caminhão pruma fazenda no meio da mata. Lá trabaiei como escravo, passei fome, fui baleado quando consegui fugi. Peguei tudo quanto é doença. Até na cadeia já fui Pará. Nóis ignorante às vezes fazis coisa sem quere faze. A escola fazis uma farta danada. Eu num devia de te saído daquele jeito, fessora, mas quere faze, num aguentei a gozação da turma Eu vi logo que nunca ia conseguir fala direito. Ainda hoje não sei.

- Meu Deus!

Aquela revelação me virou pelo avesso. Foi demais para mim. Descontrolada comecei a soluçar convulsivamente. Como eu poderia ter sido tão burra e má? E abracei o rapaz que me olhava atarantado.

O ônibus buzinou com insistência.

O rapaz afastou de mim suavemente.

- Chora não fessora! A senhora não tem culpa.

- Como? Eu não tenho culpa? Deus do céu!

Entre no ônibus apinhado. Cem olhos como cem flechas vingadoras apontadas para mim. O ônibus partiu. Pensei na minha sala de aula. Eu era uma assassina a caminho da guilhotina.

Hoje tenho raiva da gramática. Eu mudo, tu mudas, nós mudamos, mudaaamooos, mudaaamooos...Super usada, mal usada, abusada, ela é uma guilhotina dentro da escola. A gramática faz gato e sapato da língua materna – a língua que a criança aprendeu com seus pais, irmãos e colegas – e se torna o terror dos alunos. Em vez de estimular e fazer crescer, comunicando, ela reprime e oprime, cobrando centenas de regrinhas estúpidas para aquela idade.

E ou Lúcios da vida, os milhares de Lúcios da periferia e do interior, barrados nas salas de aula: Não é assim que se diz, menino! Como se o professor quisesse dizer: Você está errado! Seus pais estão errados! A certa sou eu! Imite-me! Copie-me! Fale como eu! Não seja você! Renegue suas raízes! Diminua-se! Desfigure-se! Fique no seu lugar! Seja uma sombra!”

E siga desarmado para o matadouro da vida..

Anexo 12: atividade de pesquisa região Centro-Oeste

Centro-Oeste

A Região Centro-Oeste é uma das cinco regiões do Brasil definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1969. É formada por três estados: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, mais o Distrito Federal, onde se localiza Brasília, a capital do país e a cidade mais populosa da região.



Anexo 13: atividade de pesquisa região Centro-Oeste

- *Goiás*

É uma das 27 unidades federativas do Brasil. Situa-se a leste da Região Centro-Oeste, no Planalto Central brasileiro. O seu território é de 340.257 km², sendo delimitado pelos estados do Mato Grosso do Sul a sudoeste, Mato Grosso a oeste, Tocantins a norte, Bahia a nordeste, Minas Gerais a leste, sudeste e sul e pelo Distrito Federal a leste.



- *Sotaques de Goiás*

Alugar: Conversa fada

Arredar: Arrastar, Tirar

Baculejo: Revista policial

Bão?: Tudo bem?

Bão demais da conta: Muito bom

Caboclo: Rapaz

Custoso (a): Difícil, pessoa sapeca

Estrupício: Feio, Horrível

Ferrado: Encrocado, enrolado

Ranca: tira, elimina

Anexo 14: atividade de pesquisa região Centro-Oeste

- *Mato Grosso*

É uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado na região Centro-Oeste. Tem a porção norte de seu território ocupada pela Amazônia Legal, sendo o sul do estado pertencente ao Centro-Sul do Brasil.



- *Sotaques do Mato Grosso*

Vôte!: quando não concorda com algo

Ê ah!: indagação

Espia lá: olha lá

Espinhela caída: dor, problema na coluna vertebral

Digoreste: ótimo, bom

De jápa: grátis

Anexo 15: atividade de pesquisa região Centro-Oeste

- *Mato Grosso do Sul*

É uma das 27 unidades federativas do Brasil. Localiza-se no sul da Região Centro-Oeste. Limita-se com cinco estados brasileiros: Mato Grosso (norte), Goiás e Minas Gerais (nordeste), São Paulo (leste) e Paraná(sudeste); e dois países sul-americanos: Paraguai (sul e sudoeste) e Bolívia (oeste) Sua área é de 357 145,532 km², sendo maior que a Alemanha. Com uma população de 2 619 657 habitantes em 2014, Mato Grosso do Sul é o 21º estado mais populoso do Brasil. A capital e cidade mais populosa de Mato Grosso do Sul é Campo Grande.



- *Sotaques do Mato Grosso do Sul*

Dar azia: irritar

Prosear: conversar

Morgar: ter preguiça

Barca: carro

Cerva: cerveja

Dar um pião: passear

Baguiu: coisa, objeto

Manjar: entender;

Véiu: amigo muito chegado.

Anexo 16: atividade de pesquisa região Centro-Oeste

- *Distrito federal*

É uma das 27 unidades federativas do Brasil. Situado na Região Centro-Oeste, é a menor unidade federativa brasileira e a única que não tem municípios, sendo dividida em 31 regiões administrativas, totalizando uma área de 5 779,999 km². Em seu território, está localizada a capital federal do Brasil, Brasília, que é também a sede do governo do Distrito Federal.



- *Sotaques do Distrito Federal*

Boto fé: Tanto pode significar “acredito” quanto “apoio você”. Você pode apoiar ou concordar inteiramente com alguém, botando muita fé, por exemplo

Brother: Também pode ser simplificado para “brô”. Significa bicho, cara, velho, véi, amigo.

Caraca: Interjeição de surpresa. O mesmo que “nossa!”. Costuma preceder a palavra “véi”. Como em “caraca, véi!”.

Contatinho: Seu ou sua peguete. Ver peguete.

De boa: Evoluiu para “de boas”. Tranquilo. Também pode ser substituído pela versão mais recente, a “suave”

É nós: Somos nós, estamos juntos, estamos unidos, estamos em um mesmo esquema. Versão antiga: “tô contigo e não abro”.

Fera: Legal, massa, irado, cabuloso. Mas também pode ser usado no mesmo contexto que bicho, véi, brother, brô.

Irado: Maneiro, massa, legal, fera, muito bom, que supre as expectativas. Também pode ser usado como elogio a alguém, quando a pessoa é descolada, interessante.

Anexo 17: atividade de pesquisa região Sudeste

REGIÃO SUDESTE

A região sudeste do Brasil, é a segunda menor região do país, sendo maior apenas que a região do sul. PE composta por quatro estados: Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

O dialeto paulistano tem uma forte influência da colonização européia, principalmente dos italianos. Isso poderia explicar algumas características como o prolongamento do gerúndio. O interior do estado reduz o gerúndio e na capital, se alonga.

A principal característica que se nota na fala do interior paulista é o “r” retroflexo, estigmatizada chamada de “r” caipira. A famosa ‘porrrta aberrrrta’. Outro fenômeno lingüístico do interior de São Paulo é a redução do gerúndio, por exemplo “cantano” em vez de cantando. Isso difere bastante do dialeto falado na capital paulistana, que acentua a terminação do gerúndio-‘cataaando’.

TERMOS CARACTERÍSTICOS DO SUDESTE

Confira o significado de alguns termos usados em São Paulo

Farol: semáforo, sinaleira

Guia : meio fio

Holerite: contra-cheque

Carta de motorista: carteira de motorista

Mandioca: macaxeira, alpim

Mexerica: tangerina

Mina: menina, garota ou namorada

Bornal: saco pra carregar mantimentos

À pampa: muito legal

Baseado: maconha

Bater um rango: matar fome

B.O: problema

Bocada: lugar perigoso: mau freqüentado

Bombeta: boné

Buzão: ônibus

Brother: amigo

Anexo 18: atividade de pesquisa região Sudeste

Vale apenas lembrar que outros estados da região sudeste também têm características próprias ao falar: os mineiros falam cantando e usam palavras como “trem” para definir qualquer coisa. Como nas frases: “Mas que trem bom” ou “Esse trem não está funcionando que podem ser algo como “Mas que bolo bom”. Já os cariocas têm o famoso “s” chiado, como em “escorregador” e “espinafre” e também o “r” puxado

MINEIROS

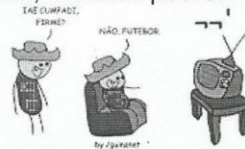
O linguajar do mineiro é bem particular e é incrível a capacidade de criar termos próprios e identificar um conterrâneo a qualquer distância. É só comer um “cadim” das últimas sílabas, chamar o outro de “ocê” e soltar um “uai” ou um “trem” no meio da frase para detectar o alto nível de mineirice. Com tanta expressão típica, o mineiro é facilmente reconhecido quando começa a contar alguns “causos”.

Anexo 19: atividade de pesquisa região Norte

Variação linguística da região Norte

Dialeto é a modalidade de uma língua caracterizada por determinadas peculiaridades fonéticas, gramaticais ou regionais. Dialeto regional é a forma como uma língua é realizada numa região específica. Nesse post pode ser percebido claramente como uma mesma língua pode possuir diferentes dialetos.

Não existe essa língua errada, fraca ou pobre.



Falamos apenas - DIFERENTE

Mas, quem fala igual???

Até você, fala diferente dependendo da situação ou do receptor.

Isto não é POBREZA e sim RIQUEZA!!

Assim, o gaúcho, o mineiro, o paraense, o mineiro, e todos os outros; têm suas formas peculiares de se expressar. Por isso pense duas vezes antes de falar, para não falar bobagens. Valorize sua terra! Valorize seu povo!

Anexo 20: atividade de pesquisa região Norte

A região Norte do Brasil é uma das cinco regiões brasileiras segundo a divisão elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sua principal característica é o fato de ser a maior região do país em área territorial, com 3.869.638 km², abrigando também os dois maiores estados do Brasil, respectivamente, Amazonas e Pará. Além desses, a região conta com mais cinco estados: Acre, Amapá, Rondônia, Roraima e Tocantins.

Apesar de ser a maior região, o Norte brasileiro também possui uma das menores populações absolutas e, conseqüentemente, as menores densidades demográficas. Observa-se, em muitos casos, a evidência de alguns “vazios demográficos”, em que a quantidade de habitantes por área é muito reduzida ou praticamente nula.

Ao todo, são pouco mais do que 15,5 milhões de pessoas vivendo na região Norte, com o estado do Pará sendo o mais povoado, com quase oito milhões de habitantes. Roraima, por outro lado, é a unidade federativa do Brasil com o menor número de pessoas, com uma população de 488 mil residentes. Todos esses dados citados são referentes às estimativas do IBGE para o ano de 2013.

Anexo 21: atividade de pesquisa região Norte

Palavras e seus significados da região Norte

barroca (poça d'água)
arredar (sair de perto)
afroxar (folgar)
assentar (combinar a roupa)
arribar (levantar)
arrodear (dar a volta em)
a pulso (forçado)
arremedar (imitar)
abilolado (meio maluco)
acochado (justo - o mesmo que apertado)
afolozado (relaxado - o elástico)
altear (aumentar o volume)
chegue! (venha!)
chamegar (se mexer continuamente)
empachado (com o estômago cheio gases)
filar (colar na prova)
galego (loiro)
liso (sem dinheiro)
preguento (pegajoso)
peítica (insistência)
pirangueiro (sovina)
reparar (olhar)
espiar (olhar escondido)
torar (cortar)
zuada (barulho)

Poema

Do meio-norte ao agreste
Da zona da mata ao sertão
Essas subdivisões
Formam a minha região.

Formada por nove estados
Digo com imensa alegria
O Maranhão, lá no norte
E ao sul, a nossa Bahia.

Limitando-se com o Maranhão
Temos o estado do Piauí
Seguido pelo Ceará
De Chico Anísio e Didi.

E o Rio Grande do Norte
Ao lado do Ceará,
Tendo a Paraíba ao sul
Com Pernambuco a limitar.

Tem o pequeno Sergipe
Ao sul de Alagoas
Em todos, a vida persiste
Povoados por gentes boas.

A chapada das Mangabeiras
Situada nessa região
Com 804 metros
É orgulho do Maranhão.

Anexo 22: atividade de pesquisa região Norte

Sua capital é São Luís
Em 1912 foi fundado.
Se orgulha do Rio Tocantins
E de um povo animado.

Como esquecer do Piauí!
De bandeira verde-amarela
Com sua estrela branca
De Serra Grande tão bela.

Seus terrenos arenosos
Próximos ao litoral
Ao centro, vários rios Paranaíba e
São Nicolau.

O Estado do Ceará
De capital Fortaleza
Mostrando que cultura
É sinônima de riqueza.

Ao norte, Jericoacoara;
Ao sul, Juazeiro do Norte,
Do padim pade ciço
E povo de fé e sorte.

De planícies litorâneas
Rio Grande do Norte está ali.
Com a Serra do Coqueiro
De rios Mossoró e Apodi.

O Porto Paramirim
De transporte naval
Situado em Natal
Sua exuberante Capital.

O Estado da Paraíba
Também nome de rio
Com os mangues do litoral
Enriquecendo este Brasil Lá o Sol
nasce primeiro
Na praia da Ponta do Seixas
É o ponto extremo-leste
América do Sul não se queixa.

O Estado de Pernambuco
Localizado no centro-leste,
Tem zona da mata e caatinga

Sertão e também agreste.

O Estado de Alagoas
Situado no meio-sul,
Tem a Serra Santa Cruz
É banhado por Mundaú.

O Estado de Sergipe
Por cinco rios é banhado.
Cada um está na bandeira
Por uma estrela representado.

Banhado pelo "Velho Chico"
Também por Vaza-Barris
Fazendo dos sergipanos
Um povo muito feliz. De Jorge Amado
e Caetano
Foi uma das Capitanias
É hospitaleiro o povo baiano.

Salvador foi capital do país
Hoje, só do estado.
Tem o elevador Lacerda
Cartão-Postal do Estado.

Na moqueca: o peixe é brasileiro
O dendê veio da África,
Mas a técnica é portuguesa,
E a cebola é asiática.

De Chapada Diamantina
E Rio Paraguaçu
Tem a cidade de Itanhém,
Localizada no extremo-sul.

Itanhém é pedra oca
Na língua Tupi-Guarani.
Tem o Rio Água Preta
Feliz poetizei aqui.

Falei alegremente
Da minha região
De mangues e litorais
Orgulho da nação. Com seus nove
estados
Num deles surgiu o Brasil.
Que diziam ser descoberto,
Mas que alguém nos invadiu.

Anexo 23: atividade de pesquisa região Norte

Sou feliz por ser brasileiro
Não sei o meu destino.
Não tenho vergonha de habitar
Em território nordestino.

Em toda parte do mundo
Há progressos e dificuldades
O Nordeste tem riquezas
Em suas diversidades.

Sua cultura é riquíssima
Música, Folclores e Literatura,
É um povo inteligente

No artesanato e na pintura.

Anexo 24: atividade de pesquisa região Nordeste

O falar do Nordeste

16 de Setembro de 2005 3

Foi no Nordeste do país que primeiramente a língua portuguesa se fixou em nosso território. O início da colonização portuguesa se deu justamente entre os estados de Pernambuco e Bahia, enquanto outras partes do país só viriam a receber a influência lusitana bem mais adiante.

"Quando nós fomos colonizados pelos portugueses, as duas primeiras vertentes da língua, pode-se dizer, foram Pernambuco e Bahia, porque ficavam mais perto do Velho Continente. Havia um porto em Recife, outro em Salvador. Mas eram divididos por uma barreira natural, que era o Rio São Francisco. Salvador se tornou a capital do Brasil. O Rio de Janeiro teve o problema da invasão francesa logo no começo e São Paulo foi colonizado pelos jesuítas, que não levaram a língua portuguesa - eles antes levaram o latim e procuraram aprender o tupi-guarani", explica Nelly Carvalho, professora do Departamento de Letras da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco).

Para a professora, a modalidade de português falada nessa região foi se arcaizando durante a evolução do país. "Em Portugal o português avançou. O que veio para o Brasil foi o português dos colonos, dos degredados, das prostitutas, que eram chamadas raparigas, jesuítas que foram para o Sul e que na maioria eram espanhóis", lembra.

Dialeto do Nordeste

Conheça termos característicos do Nordeste do País:

mangar = zombar de alguém

aperreado = angustiado, estressado

ó xente = interjeição que demonstra espanto, descontentamento, curiosidade

pítoco = botão

bígu = carona

bízu = dica de vestibular

vôte = vou te esconjurar, vou te amaldiçoar

ixi Maria = interjeição de espanto, contraindo o termo Virgem Maria

jerimum = abóbora

macaxeira = mandioca, aipim

canjica = cural de milho

Anexo 25: atividade de pesquisa região Nordeste

laranja-cravo = mexerica

Sobre as diferenças características entre a forma de falar dos baianos e dos pernambucanos, por exemplo, Nelly

Carvalho destaca a existência de uma barreira natural entre os estados, que era o Rio São Francisco, impedindo que, antes da construção de pontes por sobre o rio, houvesse uma troca cultural mais intensa.

"Pernambuco mandava do lado esquerdo do São Francisco e a Bahia, do direito. Pernambuco, então, levou a língua para todo o Nordeste até o rio Parnaíba, que era outra barreira natural. Com o tempo tivemos outras mudanças (que influenciaram o falar local): vieram os holandeses; nós éramos um porto até meados do século XX bastante movimento; e o São Francisco continuou uma barreira natural até construírem pontes", diz.

"Quer dizer, a gente (de Pernambuco) teve uma história diferenciada da Bahia e do resto do Brasil. Durante os dois primeiros séculos de colonização, a Bahia e Pernambuco foram os dois maiores centros. Tanto que o movimento literário Barroco foi na Bahia e Pernambuco. Depois de certo tempo é que surgiu no século XVIII, quando começou a exploração das minas de ouro, e deslocou-se o centro do interesse para Minas Gerais, quando surgiu o Arcadismo. Depois disso, se (o interesse) desloca para o Rio de Janeiro, porque em 1808 a família real vem para o Brasil trazendo 15 mil cortesãos que se instalaram ali. O Rio de Janeiro passou a ser o modelo da língua para todo o Brasil - e ainda hoje ostenta esse título que foi reconhecido em dois congressos de língua falada. E São Paulo vem depois, com 1922 (a Semana de Arte Moderna). Nós deixamos de ser o foco da língua portuguesa", afirma a acadêmica.

Para comparar os diferentes modos de falar do brasileiro nas mais diversas localidades, Nelly Carvalho cita como referência a palavra Recife: "Por exemplo, eu (pernambucana) digo "ricife", e o baiano abre bem e diz "récife". Então, temos aqui "ricife"; na Bahia, "récife"; no Rio de Janeiro, "recife"; e se você for para o Rio Grande do Sul ou Paraná é "recifê".

Para aqueles que desejam conhecer um pouco mais os termos característicos usados pelo povo nordestino, Nelly Carvalho recomenda o Dicionário do Nordeste (Editora Estação Liberdade), de Fred Navarro

Anexo 26: atividade de pesquisa região Nordeste

Foi através do nordeste do país que a língua portuguesa se fixou em nosso território. O início da colonização portuguesa se deu justamente entre os estados de Pernambuco e Bahia.

O dialeto nordestino pode ser dividido em dois grandes blocos: dialetos nordestinos setentrionais e os nordestinos meridionais (baianos ou nordestinos do sul).

-O dialeto nordestino setentrional: formado pelos dialetos nordestino do norte e do centro (central), além de abranger uma parte do dialeto nortista, que, na jurisdição da região Nordeste, passa a ser denominado meio-norte ou maranhense.

-O dialeto baiano: pode ser dividido em "baiano do oeste" e "baiano do recôncavo". Dessa forma, pode-se definir outra diferenciação, sendo em três grandes dialetos da região, dispensando os termos setentrional e meridional.

Cordel/poesia - "DIALETOS NORDESTINOS":

" 'Chamamu' de dialeto "
O linguajar popular
O que segue nesses 'versu'
Logo vai nos 'explicar' (Sol)

O jeito de se 'expressá'
'Vareia' em cada região
No nordeste arribá
É tirar coisa do chão (Caíque Peixoto)

Nossa língua é porreta
É formal e informal
Perna torta é zambeta
Insistente, cara de pau (Ícaro Davi)

Pró Fabi está "imbuxada"
Tem um bebê na sua pança
O marido camarada
Espera sua criança (Milena Oliveira)

O "mininu" avexado
Que gosta de "tocá" corneta
Com 18 anos é macho

Anexo 27: atividade de pesquisa região Nordeste

Passa "gostá" de lambreta (Lorraine Suria)

"Homi que fais" casa
Pode se cortar na pedra
A ferida que lhe causa
É chamada de pereba (Diego Santana)

Zé ainda é frangote
"Mais" pensa que é grande
Se "crescê" será "pu" sorte
Se livrará desse vexame (Diana Soares)

Chapa quente queima a pele
Chapa fria é dentadura
Quando "véia" até fede
"Mais" "selve" a quem usa (Victor Hugo)

Moça "bunita" é formosura
Os "zomi" gosta de oiá
E com toda belezura
A moça segue a andar (Douglas Lordelo)

"Eita" Nordeste "Vareiado"
Ninguém lá é bocó
Novidade é babado
Se nada sabe é brocoió (Querem Improta)

Aqui tem gente arrochada
E também gente medrosa
Basta ouvi uma gargalhada
Que se esconde "atrais" da porta (Danilo Lopes)

Aqui tem gente chinfrim
Mas também tem gente rica
Tem quem coma aipim
E quem fique sem "cumida" (Tázio Dieudonné)

Nossa terra quando "móia"
A gente "isquece" a seca
A plantação cresce na roça
É "nois inchemu" a cesta (Giovana Sousa)

Anexo 28: atividade de pesquisa região Nordeste

Falta d'água é "pobrema"
"Pressa" gente do sertão
O "bãe" de dona Jurema
É de cuia de sabão (Yasmin Alcântara)

"Vamu" terminar essa prosa
De dialeto nordestino
Gente que vive na roça
Tem que "acordá" cedinho" (Vinicius Murta)"

Curiosidades: **LINGUAGEM**

·As diferenças características entre a forma de falar dos baianos e dos pernambucanos, por exemplo, é destacado a existência da barreira natural entre os estados, que era o rio São Francisco, impedindo que, antes da construção de pontes sobre o rio, houvesse uma troca cultural mais intensa.

·Pernambuco mandava do lado esquerdo do São Francisco e a Bahia, do direito. Pernambuco, então, levou a língua para todo o nordeste até o rio Parnaíba, que era outra barreira natural. Com o tempo tivemos outras mudanças (que influenciaram o falar local): vieram os holandeses; nós éramos um porto até meados do século XX bastante movimentado.

Quer dizer: os Pernambucanos tiveram uma história diferente da Bahia e do resto do Brasil. Durante os dois primeiros séculos de colonização, a Bahia e Pernambuco foram os dois maiores centros. Tanto que o movimento literário Barroco foi na Bahia e Pernambuco. Depois a exploração das minas de ouro, e deslocou-se o centro dos interesses para Minas Gerais, quando surgiu o Arcadismo. Depois disso, o interesse se desloca para o Rio de Janeiro, porque em 1808 a família real vem para o Brasil trazendo 15 mil cortesãos que se instalaram ali. O Rio de Janeiro passou a ser o modelo da língua em todo o Brasil – e ainda ostenta esse título que foi reconhecido em dois congressos de língua falada. E São Paulo vem depois, com 1922 (a Semana de Arte Moderna). O Nordeste deixou de ser o foco da língua portuguesa.

·O jeito de falar na Paraíba sofre uma grande transformação da forma como se fala em Pernambuco, por exemplo. Não apenas em relação ao sotaque. São expressões completamente diferentes em estados vizinhos para designar a mesma coisa. É uma riqueza lingüística tão grande que nem se parece estar na mesma região.

Anexo 29: atividade de pesquisa região Sul

Região Sul

Regionalismos

O Brasil é um país com um território amplo e mesmo assim ainda possui uma língua única. Além de contribuir para uma grande diversidade nos hábitos culturais, religiosos, políticos e artísticos, a influência de várias culturas deixou na língua portuguesa marcas que acentuam a riqueza de vocabulário e de pronúncia. É importante destacar que as diferenças na nossa língua não constituem erro, mas são consequências das marcas deixadas por outros idiomas que entraram na formação do português brasileiro. Entre esses idiomas estão os indígenas e africanos, além dos europeus, como o francês e o italiano. A influência desses elementos presentes em cada região do país, aliada ao desenvolvimento histórico de cada lugar, fez com que surgissem **regionalismos**, isto é, expressões típicas de determinada região.

A Região Sul é formada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

"A linguagem ideal seria aquela em que cada palavra (significante) designasse ou apontasse apenas uma coisa, correspondesse a uma só idéia ou conceito, tivesse um só sentido (significado). Como tal não ocorre em nenhuma língua conhecida, as palavras são, por natureza enganosas, porque são polissêmicas ou plurivalentes. Muitas constituem mesmo uma espécie de constelação semântica..."

Garcia, 1996.

Sabemos que qualquer língua varia no tempo e no espaço, entre as classes sociais, entre profissões. Nunca é usada de modo homogêneo por seus falantes, principalmente no Brasil, graças ao tamanho do seu território e a variedade de etnias existentes por aqui.

Expressões típicas da região sul:

Anexo 30: atividade de pesquisa região Sul

Expressões	Significados
Alçar a perna	Montar a cavalo
Campo santo	Cemitério
Embretar-se	Meter-se em apuros
Guacho	Animal ou pessoa criada sem mãe ou sem leite materno
Lindeiro	Ao lado de, vizinho
Maleva	Bandido, malfeitor, perverso
Olada	Ocasão, oportunidade
Parada	Importância em dinheiro pela qual se contrata uma corrida de cavalos ou uma rinha de galos
Relho	Chicote pequeno com cabo de madeira e cabo torcido
Solito	Isolado, sozinho, sem companhia
Tirana	Cantiga e dança popular, acompanhada de viola. Variedade do fandango.

Termos característicos do Rio Grande do Sul

abobado da enchente = pessoa tola

"Bá" = barbaridade

gringo = descendente de italiano

goleira = traves do gol no futebol

abrigo = agasalho de ginástica

balaca = fazer pose de malandro

balaqueiro = quem faz pose de malandro

boi corneta = pessoa do contra, que

destoa do grupo

lomba = ladeira

patente = vaso sanitário

cacetinho = pão francês

negrinho = doce brigadeiro

chapeação = lanternagem, funilaria

prender fogo = acender o fogo

Dicionário de gírias e expressões de Santa Catarina

1 – Arrombassi

Expressão de espanto, em situações de elogio ou afronta.

2 – Amarrar a cara

zangar-se.

Anexo 31: atividade de pesquisa região Sul

3 – Cachorro papa-ovo

Vira-latas, que não tem raça.

4 – Camaçada de pau

Surra. *“Vou te dar uma camaçada de pau.”*

5 – Cú de increnca

Pessoa brigona, encrenqueira, que só traz problemas.

6 – Dazumbanho

Expressão usada para dizer que uma pessoa acertou, conseguiu uma faceta. Mas as vezes é usada de forma irônica.

7 – Dijahoje

Termo usado coloquialmente para expressar um tempo ocorrido mais cedo. *“Ele esteve aqui dijahoje.”*

8 – Em dois toques

Rapidamente. *“Vou ali em dois toques e já volto.”*

9 – És um monstro!

Expressão usada pra dizer que uma pessoa é grande, é a melhor em algo, praticamente invencível. *“Messi, tu jogas muito, és um monstro!”*

10 – Istepô

Desgraçada, pessoa que não presta. Muitas vezes é usada em tom de brincadeira. *“Venha cá, seu istepô!”*

11 – Matasse a pau!

Quando alguém acerta em cheio, consegue alguma faceta de forma brilhante. *“Tu passou no vestibular? Matasse a pau, cara!”*

12 – Mofas com a pomba na balaia

Expressão usada para dizer que uma pessoa não vai alcançar o seu objetivo, que vai se cansar de esperar.

13 – Não tem?

Vício de linguagem correspondente a *“não é”, “né” ou “sabe?”*

14 – Ó-lhó-lhó

Expressão de admiração, espanto ou surpresa.

15 – Roupa-de-briga

Traje de trabalho.

Piada de gaúcho

Anexo 32: fotos da turma do 1º ano A

